

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO-CAMPUS VII
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

JOSENILDE FERREIRA DE SOUSA SILVA

**NÍVEL DE CONHECIMENTO SOBRE SEXUALIDADE DOS
ALUNOS DO OITAVO E NONO ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL II DA ESCOLA RURAL GILCINA
CARVALHO, MUNICÍPIO DE CAMPO FORMOSO – BA**

**SENHOR DO BONFIM
2010**

JOSENILDE FERREIRA DE SOUSA SILVA

**NÍVEL DE CONHECIMENTO SOBRE SEXUALIDADE DOS
ALUNOS DO 8º E 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL II DA
ESCOLA RURAL GILCINA CARVALHO MUNICÍPIO DE
CAMPO FORMOSO – BA**

Monografia apresentada ao Colegiado de
Curso de Ciências Biológicas como
requisito para a conclusão do Curso de
Licenciatura em Ciências Biológicas.

**Orientador: Prof. Adson dos Santos
Bastos**

**SENHOR DO BONFIM
2010**

JOSENILDE FERREIRA DE SOUSA SILVA

**NÍVEL DE CONHECIMENTO SOBRE SEXUALIDADE DOS ALUNOS DO 8º E 9º
ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL II DA ESCOLA RURAL GILCINA CARVALHO
MUNICÍPIO DE CAMPO FORMOSO – BA**

Aprovada em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª Cristiana deCerqueira Silva Santana
Avaliadora

Prof^º. Ms. Ozelito Souza Cruz
Avaliador

Prof^º. Esp. Adson dos Santos Bastos
Orientador

AGRADECIMENTOS

A **Deus**, que nos deu o dom da vida, nos presenteou com a liberdade, nos abençoou com a inteligência, nos deu a graça de lutarmos para a conquista das nossas realizações, a Ele cabe o Louvor e a Glória, a nós só cabe agradecer.

A **Nossa Senhora** e **Jesus Cristo** por iluminar e acalentar nas horas mais difíceis das nossas vidas, pela proteção em todos os momentos.

Aos meus pais, **Zito** e **Marlúcia**, pelo amor, incentivo, apoio e compreensão em todas as horas da minha vida, por não mim deixar desistir, nem fracassar. Meu muito obrigado. Vocês são o meu porto seguro, amo vocês!

Ao meu esposo **Jefferson**, pelo apoio, compreensão, incentivo e amor por mim demonstrado em todos os momentos.

Ao meu filho **Davi Emanuel**, por ter mim acompanhado desde o ventre, nessa longa jornada, peço desculpas e perdão, pelas vezes que o deixei chorando, sempre com a desculpa “mainha vem nestante”. Meu eterno agradecimento, essa vitória é tão minha quanto sua. Mamãe te ama muito.

A minhas irmãs **Josiane** e **Josilúcia**, por todo apoio, principalmente a Josilúcia pelas longas noites terminando relatórios, nunca poderei te agradecer. Amo muito vocês, obrigada por fazerem parte da minha vida, e estarem sempre ao meu lado apoiando e ajudando em todos os momentos.

Aos meus cunhados **Tony** e **Maurício**, principalmente ao Maurício por ter contribuído no término desse trabalho. Muito obrigada.

A **Universidade do Estado da Bahia**, por ter proporcionado uma aprendizagem enriquecedora, não só com a graduação, mas por tornar-me uma profissional competente e amadurecida como pessoa.

A **todos os professores** que compartilharam seus conhecimentos, que por muitas vezes saíam de suas casas deixando seus familiares e suas vidas de lado, para nos proporcionar aventuras que só estudando sobre a vida em todas as suas dimensões poderíamos ter conhecido. Muito obrigado pela amizade e por ter contribuído para o meu crescimento. Levarei vocês sempre no meu coração.

Ao professor **Adson Bastos**, em especial, por tudo que fez por mim, principalmente por permitir que o conhecesse mais, seu profissionalismo e competência, e descobrisse a pessoa especial e maravilhosa que é. Muito obrigada, que Deus te ilumine e abençoe.

A professora **Maria Elisa** e Professor **Hilder**, por ajudarem a concluir esse trabalho com seus ensinamentos e dicas, as quais fizeram diferença. Muito obrigada.

Aos professores **Cristana** e **Joselito** por aceitarem a participar da minha banca e darem dicas preciosas que enriqueceram o trabalho monográfico. Muito obrigada que Deus os abençoe sempre.

A **todos os funcionários** da faculdade, que nos acompanharam durante toda a jornada, por nos receberem bem, proporcionando um ambiente agradável. Muito obrigada, que Deus os abençoe.

Aos **bibliotecários**, em especial a **Maria** que sempre tinha um sorriso para iluminar nas horas difíceis. Muito obrigada.

Aos **meus colegas** em especial Maria de Fátima, Pabiana, Marynez, katiene, Carla, as Patrícias, Jorge e Júnior muito obrigada por terem passado por minha vida, proporcionando amizades verdadeiras Obrigada, lembrarei sempre de vocês todos, mesmo aqueles que não citei o nome, mas que são especiais e deixaram um pouco de si em minha vida.

A direção da **Escola Rural Gilcina Carvalho**, por terem permitido a realização dessa pesquisa, nesta instituição, em especial Neuma, Iraíldes e Gildo, por

fornecerem informações e principalmente pela amizade. Muito obrigada que Deus os ilumine e abençoe.

Aos **alunos colaboradores do 8º e 9º ano**, que se expuseram, e contribuíram de forma significativa para a realização dessa pesquisa. Muito obrigada.

Ao **Portal Campo Formoso**, nas pessoas de Jair e Renata, por permitirem o uso da foto da Escola Rural, e pelas informações sobre a cidade nele contido. Obrigada e parabéns por fazerem parte de Campo Formoso e pelo brilhante trabalho de informação que proporcionam a todos os internautas.

Obrigada a todas as pessoas que de alguma forma contribuíram para a realização desse trabalho, e que fazem parte da minha vida. Obrigada Dona Hildinha, Sandra, Dona Edilza, Solange, Regina, Andréa, Robson, Marileide, Dona Ló, Silvarleth, Jonilson, José Wilker entre muitos outros, que Deus os abençoe a todos.

“Nada está separado de nada, e o que não compreenderes em teu próprio corpo, não compreenderás em nenhuma outra parte”.

Carlos Drummond de Andrade

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Localização geográfica da área de estudo

Figura 02: Vista aérea da Escola Rural Gilcina Carvalho

Figura 03: Alusivo a questão: Quando falamos de sexualidade, de que falamos?

Figura 04: Amostragem das orientações recebidas pelos alunos colaboradores.

Figura 05: Resposta da questão nº 2, sobre doenças sexualmente transmissíveis.

Figura 06: Resultados obtidos no que diz respeito ao conhecimento dos alunos sobre os métodos anticoncepcionais

Figura 07: Questão nº 10: "você sabe dos riscos de uma gravidez na adolescência?".

LISTA DE TABELAS

Tabela 01: Características dos alunos colaboradores do 8º e 9º ano da Escola Rural Gilcina Carvalho

Tabela 02: Questão nº 09: “Você se acha capaz de assumir uma gravidez na adolescência?”

RESUMO

A sexualidade é parte integrante do ser humano, é própria do indivíduo, está relacionada ao gênero, a identidade sexual, ao amor, ao envolvimento emocional, a reprodução, e porque não dizer a própria vida. Ela é experimentada e expressada de várias maneiras através de sentimentos, atitudes, pensamentos, valores, direitos, respeito, desejos, práticas, fantasias, crenças, papéis e relacionamentos. Está relacionada ao envolvimento do nosso corpo, a capacidade de reproduzir, de sentir prazer, aos costumes, as escolhas, a cultura, aos nossos relacionamentos afetivos entre outros. Tratando-se de um termo amplamente abrangente que engloba inúmeros fatores e dificilmente se encaixa em uma definição única e absoluta, a sexualidade nos remete a um universo onde tudo é relativo, pessoal e muitas vezes paradoxal. Pode-se dizer que é o traço mais íntimo do ser humano e como tal, se manifesta diferentemente em cada indivíduo de acordo com a realidade e as experiências vivenciadas. Apresentaremos, neste trabalho, uma análise do nível de conhecimento que os alunos do 8º e 9º ano do Ensino Fundamental II da Escola Rural Gilcina Carvalho têm sobre a sexualidade de maneira geral e sobre a sua própria. Para isto, procederemos, inicialmente com um breve levantamento histórico, onde procuraremos evidenciar as definições de sexualidade ao longo dos principais períodos históricos, fazendo uma análise de como as sociedades, no decorrer dos tempos, trataram deste tema, suas concepções, crenças e as implicações para estas sociedades. Trataremos também, da disparidade entre as concepções de educação sexual entre o ambiente familiar e a escola. Procuraremos demonstrar os malefícios e benefícios desta relação complexa e dicotômica, enfatizando, desde as diferenças de linguagem e conceitos até o despreparo dos agentes de ambas as realidades ao tratar de tal tema. Neste aspecto, abordaremos a precocidade cada vez maior da vida sexual dos nossos jovens e as implicações para sua saúde física e psicológica, os perigos de uma vida sexual mal planejada, a indicação sexual feita de maneira inadequada, os prejuízos de uma gravidez na adolescência, a prática do aborto, as doenças sexualmente transmissíveis, a falta de diálogo na família e a influência da mídia sobre todos estes fatores. Por fim, procederemos aos aspectos metodológicos, enfatizando a localização e caracterização da área de estudo e do perfil dos pesquisados, bem como o tipo de pesquisa que pretendemos, a coleta e o tratamento dos dados, finalizando com a análise e discussão.

Palavras chaves: Adolescência, Educação Sexual, Doenças sexualmente Transmissíveis, Gravidez precoce, Sexualidade.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
OBJETIVOS	15
Objetivos Gerais.....	15
Ojetivos Específicos	15
CAPÍTULO I	
Percepção Histórica da Sexualidade e suas definições	16
CAPÍTULO II	
A Sexualidade no Contexto Familiar x Contexto Escolar	22
CAPÍTULO III	
O Adolescente e a Vida Sexual Precoce.....	30
CAPÍTULO IV	
METODOLOGIA	38
4.1 Área de Estudo.....	38
4.2 Caracterização da Pesquisa.....	41
4.3 Sujeitos da Pesquisa	42
4.3 Coleta de Dados.....	43
CAPÍTULO V	
ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	58

INTRODUÇÃO

O ser humano, como ser social, reproduz em sua vida cotidiana uma série de comportamentos que acabam por defini-lo como tal. Dentre tais comportamentos existe um que ocupa lugar de destaque nas relações humanas, trata-se da sexualidade.

Muitos temas ao decorrer da história vão sofrendo modificações significativas e chegam a ter seus conceitos alterados, enquanto outros não são percebidos, já a sexualidade mesmo com o passar dos tempos ainda se manifesta de maneira tímida e confusa, estamos no século XXI e ainda assim há muitos tabus, mitos e preconceitos envolvidos em relação ao tema. Ao decorrer dessa pesquisa veremos que por mais que seja um assunto do nosso cotidiano, este é mal interpretado e muitas vezes deixado de lado por motivos banais ou simplesmente porque nem todo mundo está preparado para compartilhar com outras pessoas suas experiências, dúvidas e para falar abertamente sobre o mesmo.

O desenvolvimento da sexualidade acontece durante toda a vida do indivíduo para Freud (1995) as primeiras experiências que constituem o acervo psíquico do indivíduo é construído desde o contato da mãe com seu filho, seja esses de carinho e amor ou de rejeição e agressão, são os chamados embriões da vida mental do bebê. Desde o nascimento esse desenvolvimento vai se manifestando de maneiras diferentes e nas diversas fases da vida infantil. Para ele é nessa fase que o sujeito forma e constitui características que serão manifestadas na fase adulta através das fantasias e práticas sexuais

Mas o alvo dessa pesquisa são os adolescentes, parte importante e indispensável para a execução desse trabalho acadêmico, eles são o nosso objeto de pesquisa porque é nessa fase da vida, de todos os indivíduos, onde a sexualidade se manifesta intensamente, há as mudanças físicas que são manifestadas através das alterações hormonais, onde na maioria das vezes provocam excitações difíceis de serem controladas e que se intensifica na masturbação. É também nessa fase onde ocorrem as maiores descobertas, quando

há uma explosão de sentimentos gerando confusões que fazem com que ocorram atrações e fantasias com pessoas do mesmo sexo e de sexo diferente, e por ser uma fase intensa de novas descobertas e experimentações também ocorrem vínculos afetivos que surgem e desaparecem na mesma intensidade e rapidez de seus sentimentos.

A sexualidade vai se manifestando em todas as fases da vida desde a infância, adolescência, idade adulta até a senilidade, além dessas diferentes fases fisiológicas, ela é também influenciada por características genéticas, interações ambientais, condições socioculturais entre outras. Saito e Leal (2000), em seu artigo intitulado “Educação sexual na escola”, expõe que:

O exercício da sexualidade na adolescência poderá constituir risco de grau variável para comprometimento do projeto de vida e até da própria vida, bastando para isto lembrar consequências como a gravidez precoce, o aborto, AIDS e outras doenças sexualmente transmissíveis. O número de gravidez nesse período da vida tem-se mantido elevado [...], sendo especialmente preocupante seu aumento nas idades mais baixas (11 a 15 anos). [...] A omissão, diante desta evidência, trará repercussões que podem comprometer não só o presente como o futuro das gerações (SAITO; LEAL, 2000, p.1).

As mesmas autoras alegam que paradoxalmente, no Brasil, são poucos os estudos relacionados ao exercício da sexualidade e à abordagem da educação sexual. Na família o diálogo é ainda pobre ou inexistente; na escola, o debate é tímido e ocorre voltado mais para os aspectos biológicos, reforçando a idéia da sexualidade ligada à reprodução, e, tanto educadores como profissionais de saúde permanecem com posturas impregnadas de preconceitos e tabus.

Segundo Cano, Ferriane e Gomes (2000) diante dessa realidade, a sexualidade deve ser um tema de discussão e debate entre pais, educadores e profissionais de saúde, tendo como objetivo encontrar maneiras de informar e orientar os jovens para que protejam ao máximo sua iniciação sexual, tenham responsabilidade, auto-estima e pratiquem sexo com segurança. Os mesmos autores ressaltam ainda em seu artigo intitulado “Sexualidade na adolescência: um estudo bibliográfico que:

Temos um longo caminho ainda a percorrer, muitos tabus e mitos a derrubar, mas pensamos que todo jovem tem o direito de ser orientado corretamente sobre sua sexualidade e esta deve começar no próprio lar, se estender à escola e a todas as instituições que façam parte da sociedade, e em especial nas instituições da área da saúde. Esse alicerce é importante para que o indivíduo seja capaz de resolver questões como: usar ou não anticoncepcionais, praticar ou não o aborto, entre outros, sem adquirir sentimentos de culpa, sem abalar sua integridade mental (CANO; FERRIANI; GOMES, 2000)

Sendo assim, uma série de fatores elegem a sexualidade como um dos aspectos preponderantes da formação psicológica humana. A sexualidade, por sua própria natureza, relaciona-se com diversos parâmetros da vida em sociedade. Para perceber sua sexualidade o indivíduo deve levar em consideração, o tipo de família que o originou, o tipo de sociedade na qual está inserido, as questões religiosas inerentes ao sexo. Além do mais, na sociedade atual, percebe-se uma banalização do sexo, através da mídia que proporciona uma superexposição do corpo, tornando públicas e notórias muitas situações que, pela sua própria natureza, deveriam ser íntimas.

Como consequência, temos a má formação de conceitos sobre sexualidade, pois esta acaba sendo limitada a situações muito menores deste que é um tema muito amplo e complexo. Para piorar, quem mais tem acesso aos meios de comunicação são os jovens, principalmente aqueles que passam pelo processo de formação e afirmação da própria sexualidade.

Portanto, quando nos propomos a investigar o nível de conhecimento sobre tal tema, abordando os alunos do 8º e 9º ano do Ensino Fundamental II da Escola Rural Gilcina Carvalho, pretendemos analisar como está se dando a formação destes jovens tendo como base uma sociedade tão complexa e que passa por um processo de mudança tão profundo, intenso e, acima de tudo, rápido.

O presente trabalho monográfico foi dividido em cinco capítulos. O primeiro capítulo enfocando a percepção histórica da sexualidade e suas definições desde o aparecimento da espécie humana no planeta até os dias atuais destacando as vertentes dos estudiosos: Vitiello (1998); Lapate (2004); Partridge (2004); Walendorff (2007); Foucault (2005) e Silva 2007. O segundo capítulo aborda a sexualidade no contexto familiar e no contexto escolar, enfatizando os aspectos relacionados à

educação sexual, maneira a qual esta sendo abordada, e apontando pontos positivos e negativos da efetivação esta educação. Destacando-se os autores Mielnik (2009); Tiba (1996); Brasil (1997, 2000); Aratangy (1998); entre outros. O terceiro capítulo discorre sobre o adolescente e a vida sexual precoce, desde a definição de adolescência, as consequências que essa iniciação “antecipada” a vida sexual pode ocasionar, tais como: gravidez indesejada, doenças sexualmente transmissíveis, entre outras. Neste, são ressaltados trabalhos como os de Tiba (1986); Vitiello e Conceição (1990); Dimenstein (1998); Nascimento e Romera (1999); entre outros. No quarto capítulo são apresentados os procedimentos metodológicos, nos quais assinala a área de estudo, a caracterização da pesquisa, os sujeitos da pesquisa e a coleta de dados. E no quinto e último capítulo são apresentados os dados coletados, as análises e discussões dos resultados da pesquisa realizada na Escola Rural Gilcina Carvalho, localizada no município de Campo Formoso-Ba. Finalizando-se com as considerações finais, abordando os pontos de destaque encontrados na pesquisa.

OBJETIVOS

GERAL

Investigar o nível de conhecimento dos alunos da Escola Rural Gilcina Carvalho sobre sexualidade, doenças sexualmente transmissíveis e gravidez precoce.

ESPECÍFICOS

- Constatar através de questionários o que o aluno sabe sobre sexualidade;
- Analisar o conhecimento que os alunos têm sobre temas relacionados à sexualidade, tais como: doenças sexualmente transmissíveis e gravidez;

CAPITULO I

PERCEPÇÃO HISTÓRICA DA SEXUALIDADE E SUAS DEFINIÇÕES

Nossas raízes culturais estão impregnadas por uma visão distorcida da sexualidade, onde o comportamento usual é a prática da repressão, embora nos últimos séculos nossa civilização tenha vivido alguns momentos de maior liberalidade, essa visão distorcida da sexualidade foi e é assunto principal, aonde a mesma vem sendo mantida durante todos esses séculos em que vem se cristalizando aos poucos. Podemos dizer que, mesmo em seus momentos de maior liberdade, a prática da sexualidade sempre foi vista como atributo das pessoas adultas, sendo má vista e “proibida” às demais gerações, o que podemos firmar com as palavras de Vitiello (1998), em sua obra “Um breve histórico do estudo da sexualidade humana, onde ressalta que:

Diga-se de passagem que, mesmo em seus momentos de mais liberdade, o exercício pleno da sexualidade sempre foi apanágio das pessoas adultas, que vêem com maus olhos a sexualidade dos adolescentes, ridicularizam as manifestações sexuais da terceira idade e negam - ao menos negaram até a poucas décadas - a sexualidade na infância. De fato, foi necessário que surgisse um Freud, no apagar das luzes do século XIX, para que "descobrissemos" que a sexualidade existe e se manifesta, ainda que de formas diferentes, durante toda a duração da vida humana (VITIELLO,1998, p.06).

Ainda segundo Vitiello (1998), a sexualidade, é entendida a partir de um aspecto abrangente e vasto, e que se manifesta em todas as fases da vida de um indivíduo, e tem na genitalidade apenas um de seus aspectos, o que ele avalia que talvez nem mesmo seja o mais importante, ao contrário da conceituação vulgar que se tem, o que dentro de um contexto mais abrangente, pode-se considerar que a influência da sexualidade permeia todas as manifestações humanas, do nascimento até a morte.

Seguindo uma linha histórica, vemos que desde o aparecimento da espécie humana no planeta, há cerca de cem mil anos, apresentou-se uma característica peculiar, em termos de exercício da sexualidade, em relação a outras espécies, estas últimas tendo o ato sexual apenas para fins reprodutivos, ou seja, manutenção

da espécie, ao contrário dos humanos que descobriam que além da reprodução poderiam praticar o coito por prazer, o que contribuiu para que sua sexualidade fosse fortemente condicionada por fatores psicológicos e sociais. No entanto, durante a maior parte da história da humanidade essa influência foi negada, em especial entre os povos ligados às tradições judaicas e cristãs, atualmente representadas pela assim denominada "civilização cristã ocidental", afirma Vitiello (1998)

Lapate (2004, p. 20) acrescenta: Nos séculos II e III nota-se a ruptura do paganismo em direção ao cristianismo. Este período de Roma era denominado por luxúria e sadismo gerando um descontentamento por parte da população, parte esta que adere ao cristianismo que “escarnecia e castigava os prazeres”.

Falando-se em influência cristã ocidental, nos reportamos a Gênesis (1:27), onde está escrito: "E criou Deus o Homem à sua imagem: fê-lo à imagem de Deus, e criou-os macho e fêmea". O que nos faz lembrar o registro de Vitiello (1998) quando afirma:

O curioso desse evento é que na tradição bíblica mais antiga que conhecemos, a tradição javista (aproximadamente 950 a.C.), não existe nenhum desprezo pela natureza sexual do homem. De fato, a leitura do "Gênesis" permite a interpretação de estar a sexualidade ali exposta apenas como mais um aspecto da vida, nem inferiorizado nem enaltecido em relação a qualquer outro. Assim, a exegese mais isenta apresenta como motivação divina para a criação da mulher apenas a atenuação da angústia da solidão vital do homem. A interpretação patrística da Bíblia, porém, que há tantos séculos vem influenciando nossa cultura, considera o sexo como um mal necessário, admissível apenas por ser indispensável à reprodução da espécie. Inaugurou-se, partir dessa interpretação, a confusão entre sexualidade e genitalidade, que perdura até nossos dias (VITIELLO,1998, p.04).

Com o surgimento do cristianismo as coisas se conservaram no mesmo patamar, ou talvez até piores, sob certos aspectos. Assim, os cristãos repetiram o mesmo padrão repressor da sexualidade herdado dos judeus. Embora as igrejas cristãs, especialmente a Católica, sejam no geral bastante repressoras em termos de sexualidade, vale à pena lembrar que não existe registro, no Novo Testamento, de qualquer ato ou palavra repressora que possa ser atribuída ao próprio Jesus, o mesmo demonstra tolerância e compreensão das fraquezas e dos desejos humanos, por exemplo, o episódio da mulher adúltera, em João (8:7), que em suas palavras

torna-se categoricamente incompatível com a ferocidade com que seus seguidores reprimiram, e alguns ainda reprimem, as manifestações da sexualidade. Com isto, podemos dizer que herdamos uma visão extremamente repressora da sexualidade da cultura judaica cristã, mais acentuadamente marcada, como sempre, para o contingente feminino

Na vertente greco-romana, pôde-se observar que, embora por motivos diferentes tivessem a mesma postura quando exerciam repressão sobre a sexualidade, ao menos sobre a feminina. A cultura grega é considerada machista, hedonista e repressora do ponto de vista da mulher. Para eles, os homens tinham a busca do prazer como ideal, sendo permitidas e até incentivadas quaisquer experiências, o que se constata nas colocações de Vitiello (1998).

Burgo Partridge (2004, p.11) descreve, ainda que, “na vida prática cotidiana, os gregos baseavam seus comportamentos e ideais num hedonismo extraordinariamente simples e sensual”. No seu livro intitulado: “Uma História das Orgias” o mesmo demonstra seus pensamentos idealistas, levados por uma doutrina filosófica que tinha o prazer como centro ou objetivo da vida. No entanto, para complementar, Vitiello (1998) informa que “os romanos, ao menos em certos períodos e para certas classes sociais, foram um pouco mais liberais. [...], entretanto, a cultura romana foi bastante machista, sendo o prazer permitido apenas aos homens e a algumas privilegiadas mulheres”.

Lapate (2004) fala que o grande filósofo grego Platão em sua obra República já tratava naquela época sobre a importância da educação igualitária tanto para o sexo masculino como para o sexo feminino. Para o autor naquela época: “a moral não estava ligada à noção de pecado e sim as virtudes como bravura, autodomínio, patriotismo, sabedoria, devotamento aos amigos” [...].

E para ratificar que os gregos separam o sexo e o prazer, Demóstenes diz: “As prostitutas, nós conservamos pelo prazer, as concubinas para cuidar da nossa pessoa e as esposas para nos proporcionar filhos legítimos e cuidar da nossa casa”. (LAPATE, 2004).

[...] o casamento era uma questão pessoal e não requeria uma sanção religiosa ou governamental, apenas o consentimento paterno. Assim parece que os jovens romanos tinham melhor oportunidade do que os gregos para encontrar no casamento uma união de Amor e Prazer, embora aliado a sua função reprodutora, pois a tradição sustentava que todas as pessoas deveriam se casar e havia uma tributação de impostos para os solteiros (LAPATE, 2004, p.19).

Por outro lado, de acordo com Partridge (2004, p. 79) fica claro em sua obra “Uma História das Orgias” que: Os romanos, cujo comportamento indica certo grau de culpa por causa do elemento de sadismo em sua cultura, davam-se relativamente pouco a delitos puramente sexuais. No entanto, seu sadismo estava estreitamente associado à culpa sexual, e na cultura deles podemos ver os primeiros lampejos de um conceito novo: o pecado.

A historiadora Walendorff (2007, p.6) fala sobre a história da sexualidade, desde a Idade Média, passando pela Idade Moderna, a partir do século XVI e a Idade da Razão, que compreende os séculos XVII e XVIII, e profere: “Com o passar dos séculos, na Idade Média, na Europa, a sexualidade era vista como pecado, sacrilégio, volúpia, devassidão, luxúria, e todos esses pecados deveriam ser confessados.

Atualmente o discurso da Igreja Católica dá ênfase à dignidade do corpo humano, pregando legitimidade do sexo apenas dentro do casamento, ou seja, o sexo deixa de ser pecado desde que seja praticado dentro dos laços do matrimônio. Para a oficialidade da Igreja Católica, a única forma sexual permitida era para procriação, sendo assim até os dias de hoje. Por outro lado, durante a Idade Moderna, a partir do século XVI, a junção da idéia do Iluminismo com a Renascença, o sexo não parecia ser mais tão pecaminoso nem repulsivo, o sexo já podia ser associado com o amor (LAPATE, 2004).

Para Foucault (2005), a “sexualidade” não é um dado da natureza, mas o nome de um dispositivo histórico, datado da metade do século XVIII, o dispositivo de sexualidade: Trata-se de uma rede trançada por um conjunto de práticas, discursos e técnicas de estimulação dos corpos, intensificação dos prazeres e formação de conhecimentos (FOUCAULT, 2005, p. 101). A sexualidade torna-se referência

fundamental no processo de produção da verdade e subjetividade dos indivíduos na era moderna:

[...] segundo círculos cada vez mais estreitos, o projeto de uma ciência do sujeito começou a gravitar em torno da questão do sexo. A causalidade no sujeito, o inconsciente do sujeito, a verdade do sujeito no outro que sabe, o saber, nele, daquilo que ele próprio ignora, tudo isso foi possível desenrolar-se no discurso do sexo. Contudo, não devido a alguma propriedade natural, inerente ao próprio sexo, mas em função das táticas de poder imanentes a tal discurso (FOUCAULT, 2005, p. 68).

Assim, se antes não se distinguia o sodomita no vasto domínio dos hereges ou dos infratores jurídicos, no século XIX, o homossexual é individualizado como uma espécie. Ele se torna:

uma personagem: um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida [...]. Nada daquilo que ele é escapa à sua sexualidade. Ela está presente nele todo: subjacente a todas as suas condutas [...]. É-lhe consubstancial, não tanto como pecado habitual, porém como natureza singular (FOUCAULT, 2005, p.43).

A sexualidade para Freud, não se limita à função dos órgãos genitais e desperta muito cedo, logo após o nascimento uma série de excitações e de atividades presentes desde a infância, à função sexual desde o início até a forma definitiva passa por um processo de impedimento da libido o qual dão origens as neuroses sendo o lugar inconsciente que se localiza os nossos desejos reprimidos (WALENDORFF, 2007, p.7).

Em meados de 1960 e 1970 o Brasil passa por um período de intensa repressão através da ascensão dos militares ao poder, instalando um clima de moralismo puritano e aumento da censura e medo. Pela atitude moralista defendida pelo Golpe Militar de 1964, foram abortados alguns projetos defendidos em escolas que davam informações sobre Educação Sexual entre as décadas de 1954 a 1970 em São Paulo. Certamente este período repressivo também deixou marcas no processo de implantação oficial nas escolas de uma educação sexual (WALENDORFF, 2007, p.8).

Na década de 1980 passou-se a ter mais veiculação de questões ligadas à Educação Sexual, como revistas “eróticas”, publicando fotos de homens e mulheres nus, antes proibido. Todavia, há uma lacuna na História da Educação Sexual no

Brasil, que é o estudo das primeiras décadas do século XX, contradizendo com o enorme número de produções literárias da época sobre este assunto (WALENDORFF, 2007).

Silva (2007) em sua dissertação de mestrado intitulada: “Educação em saúde: Políticas Públicas de Saúde e Educação como Construção Social” descreve:

No começo da década de 80, surge a AIDS, o que tornou imprescindível a orientação da população quanto às formas de contágio, prevenção e tratamento. O índice de adolescentes que engravidaram antes do casamento crescera muito. Nos anos 90, o fenômeno da “gravidez indesejada” teve sua explosão. Em 1999, a revista *Veja* estampava na capa a informação: “Um milhão de adolescentes engravidam por ano no Brasil”. Se era para assustar, assustou mesmo, pois, no final de dezembro do mesmo ano, a nova LDB (Lei de Diretrizes e Bases) previa a inserção do tema Orientação Sexual como tema transversal na grade curricular das escolas(SILVA, 2007, p.33)

Como vimos no decorrer da história, em sua grande maioria, à mulher sempre foi reprimida e podada em toda sua sexualidade, fato que teve uma mudança representativa após o surgimento da pílula anticoncepcional, que deu a mulher uma certa liberdade, com isto, muitas passaram a quebrar alguns paradigmas de comportamento, deixando de lado questões econômicas, sociais, éticas, culturais e até mesmo religiosas.

Ainda que seja este apenas um breve apanhado sobre a percepção histórica do conhecimento da sexualidade humana e algumas de suas definições, tornou-se compreensível que no decorrer de todos os séculos de história da humanidade, apenas em breves períodos houve uma visão mais liberal e positiva sobre o exercício da sexualidade. O que levamos em consideração a afirmativa de Vitiello (1998) onde o mesmo enuncia que “Nunca, no entanto, o estudo do exercício da sexualidade humana foi considerado importante e, apenas nas últimas décadas, vem sendo visto como um tema merecedor de estudos por um ramo da ciência.”

CAPÍTULO II

A SEXUALIDADE NO CONTEXTO FAMILIAR X CONTEXTO ESCOLAR

As instituições escolares têm o papel de trabalhar as informações biológicas da sexualidade, algumas vezes usadas como “pano-de-fundo” para discussões psicológicas. Porém, são nestas instituições, que muitas vezes surgem os primeiros relacionamentos de cunho sexual, desejos confessos e inconfessos, situações de inadequação, desde as crianças que se masturbam na sala de aula até os adolescentes que chegam a consumir relações sexuais em pontos remotos da estrutura física das escolas.

Outras vezes, é neste ambiente, que as crianças e adolescentes se sentem à vontade para desabafar, contar, por exemplo, de um aborto ou de uma gravidez, o que desconcerta a todos. Sendo assim, é no ambiente escolar que as crianças devem encontrar a fundamentação para estarem informados, além do espaço para discussão dos aspectos psicológicos inerentes. Apoio e compreensão (não demagogia) dos professores a funcionários, espaço para uma vida saudável, não apenas em termos de sua sexualidade.

Sobre o contexto familiar no que tange a sexualidade é muito comum que se veja um medo entre os pais, de dizer o que é certo e o que é errado. Segundo Isaac Mielnik (2009) os pontos de vista sobre sexualidade dos pais e do professor são diferentes, e justifica:

A educação sexual, que a criança recebeu ainda em casa, traz o cunho, a marca, a propriedade específica e particular dos pais. É a “Educação sexual” peculiar a este ou aquele ambiente familiar. Os pais educam a criança quase sempre a partir do ponto de vista “subjetivo”: meu filho, minhas idéias, o que eu acho, o que eu penso [...] O professor, técnico formado, estudioso dos problemas de psicologia infantil, de pedagogia e metodologia, encara as situações do ponto de vista “objetivo”: nossas idéias, as crianças, o que todos acham, o que os outros pensam, etc. Sua orientação visa pois ao preparo da criança, não dentro de uma situação subjetiva e específica, e sim geral, ampla e principalmente social (p. 22-23).

Sendo assim a escola funciona como uma pequena sociedade, e as reações infantis escolares podem ser consideradas como o embrião de reações e atitudes sociais. Essa perda de referência entre o ponto de vista “objetivo” da escola e “subjetivo” dos pais prejudica a todos, gerando inseguranças, dois pesos e duas medidas, sensação geral de injustiça e falta de parâmetros para adolescentes.

Nos dias de hoje a escola não pode viver sem a família e a família não pode viver sem a escola, pois, é através da influência dessas tarefas em conjunto que tem como alvo o alargamento do bem estar e da aprendizagem do educando/filho, os quais colaborarão na formação total do mesmo. “O ambiente escolar deve ser de uma instituição que complemente o ambiente familiar do educando, os quais devem ser agradáveis e geradores de princípios muito próximos para o benefício do filho/aluno” (TIBA, 1996, p. 140).

Isaac Mielnik (2009) alerta que são muito diferentes as atitudes adotadas pelos pais e pelos professores sobre o assunto sexualidade. Os pais que fraquejaram na educação sexual da criança, delegam aos docentes a responsabilidade da escola na formação sexual. Em contra partida, professores tímidos ou “despreparados” para desempenhar tão importante função explicativa sobre sexualidade desperdiçam tais oportunidades de esclarecimentos aos alunos.

Os PCN esclarecem que toda família exerce a educação sexual cotidianamente, embora muitas falem indiretamente sobre o assunto com seus filhos, principalmente com as crianças e os adolescentes. A intervenção do ambiente educativo dos pais na relação espontânea com seus filhos com conselhos, proibições, credices, superstições, relatos de experiências, valores, são formas de aprendizagem da sexualidade adquiridas por crianças e jovens em sua família (BRASIL, 1997).

Para ampliar esta discussão sobre a sexualidade no contexto familiar e escolar Lidia Rosenberg Aratangy em seu livro “Sexualidade: a difícil arte do encontro” esclarece:

Para se ter uma conversa de verdade sobre esse assunto, é preciso um clima de confiança e intimidade, para que dúvidas e ansiedades possam ser discutidas e reveladas. E isso é difícil, pois as pessoas em geral (sejam amigos, pais ou professores) não se sentem à vontade nem para falar, nem para ouvir nada que remete a própria ignorância e fraqueza. É por isso que os papos sobre sexo, mesmo entre amigos, resumem-se a relatos de vanglórias, com pouca troca verdadeira de experiências (ARATANGY, 1998, p. 13-14).

Ainda segundo o autor, maioria dos pais não se sente preparada para falar francamente com seus filhos e preferem transferir a orientação sexual para a escola ou, no máximo, para algum livro. Com isso, perdem oportunidades preciosas de contatos íntimos e verdadeiros – e privam seus filhos do privilégio de aprenderem sobre sexo de uma forma mais aconchegante. Pois na sala de aula, por mais afetivo e atento que seja o professor, o relacionamento entre ele e seus alunos é necessariamente mais impessoal do que entre pais e filhos. E os livros falam do que se passa com os homens e mulheres em geral, quando o que realmente interessa é saber o que acontece com esta pessoa, única e especial, que é cada um de nós. E esta, o manual de sexologia não conhece.

De acordo com Mielnik (2009), as discussões sobre sexualidade, iniciadas nos 8º e 9º ano com técnica e apoio profissional e responsabilidade poderão esclarecer no contexto escolar as diversas dúvidas que tomam conta da imaginação das crianças e adolescentes. Essa abordagem integrada da sexualidade no contexto familiar e contexto escolar poderão acontecer da seguinte forma, como afirma o autor:

Muito dependerá do que o professor discutir e muitos serão influenciados pela capacidade de atenção, bondade e interesse do professor pelas perguntas dos escolares. E a formação de noções sexuais dependerá igualmente do conhecimento e da atitude do professor em relação a esses problemas e discussões (MIELNIK, 2009, p. 202).

Entretanto, o ambiente familiar, levando compreensão e simpatia aos esforços escolares e dos professores, contribuirá imensamente para o amparo moral da criança, certo de que o professor não está discutindo assuntos proibidos em casa. Por outro lado, atitudes contraditórias que negam o exercício e a função da escola na formação de cidadãos críticos e conscientes no que tange os campos da sexualidade e da orientação sexual, estagnadas e pela desinformação e despreparo

dos agentes educativos, parte dos pais estende-se a instituição escolar. Diante dessas razões, Mielnik (2009, p. 203) discorre:

Os pais estão mais inclinados a opor-se do que a aceitar a instrução sexual escolar. Contudo, se refletirem, verão que o que as crianças e os jovens não aprenderem com os educadores, irão aprender entre eles mesmos ou, o que às vezes ainda é pior, com outros indivíduos menos indicados para o delicado mister de esclarecimento sexual.

Percebe-se então, que há uma resistência dos pais e as instituições escolares na maioria desprovidas com a precariedade em propostas metodológicas práticas e teóricas no ensino, inexistência de projeto pedagógico, indisponibilidade de desenvolvimento de projetos que demandam tempo e participação dos pais, ausência de formação e capacitação profissional no campo da sexualidade e da orientação sexual.

Pode-se constatar a disparidade existente entre estas condições educacionais e a proposta dos PCN (BRASIL, 2000, p. 131):

[...] Cabe então ao educador responsável a organização dos temas [...] Cabe ao educador identificar essas manifestações como curiosidades acerca dos aspectos relacionados à sexualidade e intervir pontualmente, permitindo que as dúvidas possam ser colocadas e o assunto possa ser tratado de forma explícita e direta [...] O professor deve oferecer espaço para discussão e esclarecimento.

Para a efetivação coerentemente com a realidade de cada escola, as Secretárias de Educação Municipal e Estadual necessitam oferecer capacitação para os educadores, voltada para a elaboração de programas de Orientação Sexual para adolescentes, portanto, com metodologia específica. Nas palavras de Guimarães (1995):

A Educação Sexual apresenta um grande risco de tornar-se essencialmente repressiva se oficializada ao acaso, isto é, sem o devido planejamento e preparo dos professores. Há entre nós, latinos, forte herança de educação moralista, com influências repressivas religiosas “todas as religiões” muito presentes e que podem dominar a Educação Sexual como uma doutrinação. Existe ainda a idéia de que a Educação Sexual seja algo para “higienizar, para esterilizar, para curar”. Se o enfoque religioso quer exorcizar o sexo como um pecado, o enfoque médico-biológico quer clinicá-lo para prevenir doenças. Ambos tratam o tema de modo repressor, o que hoje pode agravar pelo fenômeno da AIDS, facilmente transformável em ameaças e terror (GUIMARÃES, 1995, p.87)

Deborah Britzman (2001), colaborando com as idéias de Guimarães (1995), problematiza a Educação Sexual demonstrando “como a educação sexual tem sido usada para sustentar desigualdades raciais e de gênero, bem como hierarquias sociais” (BRITZMAN, 2001, p. 94) Para a autora:

A cultura da escola faz com que respostas estáveis sejam esperadas e que o ensino de fato seja mais importante do que a compreensão de questões íntimas. Além disso, nessa cultura, modos autoritários de interação social impedem a possibilidade de novas questões e não estimulam o desenvolvimento de uma curiosidade que possa levar professores e estudantes a direções que poderiam se mostrar surpreendentes. Tudo isso faz com que as questões da sexualidade sejam relegadas ao espaço das respostas certas ou erradas (BRITZMAN, 2001, p. 85-86).

E falar de respostas certas ou erradas no campo da sexualidade é a mesma coisa que negar a diversidade de experiências e possibilidades. O que fica claro é que, o “certo e errado” de Britzman se transforma na alternativa possível diante da fragilidade da formação, da ausência de um engajamento coletivo da instituição com a temática da sexualidade, do medo de pressões de familiares diante de um tema ainda tabu em nossa cultura.

Segundo Mielnik (2009) para aquelas pessoas que consideram tarefa fácil delegar aos pais o esclarecimento necessário sobre sexualidade, não podem esquecer que nem todos os pais se acham em condições de fazê-lo com a mesma técnica, conhecimento de Biologia e cuidado pedagógico como o professor. Não será difícil reconhecer que a escola é o lugar ideal para tal tarefa e o educador o elemento ideal para esse trabalho.

Marriuzzo (2003) percebeu que os professores hoje se vêem diante de um dilema: se durante muitas décadas tiveram que silenciar obrigatoriamente sobre os temas da sexualidade, hoje são obrigados a falar e nem sempre sabem como. Para a autora, os professores sabem a deficiência de sua formação para lidar com a temática, mas, não encontram saída para lidar com a situação, já que boa parte dos cursos disponíveis é oferecida em horários contrários às aulas de forma superficial.

Como bem diz Isaura Guimarães (1995, p.17): “na instituição escolar há pudores quanto ao ‘falar de sexo’, e preconceitos sorratamente arraigados atemorizam quanto à educação sexual”. Além dos tabus enraizados na cultura familiar dos alunos, é possível que as pessoas que formam o contexto escolar, refiram-se às inquietações da puberdade e às manifestações de curiosidade sexual das crianças e adolescentes como “problemas”.

Fatos como gravidez precoce, homossexualidade, uso de anticoncepcionais, podem ser discriminados e reprimidos como tabus. A escola frente às questões do gênero, ainda está no século passado. Geralmente as ações discriminatórias do homem e da mulher como desiguais, são tradicionalmente reforçadas no ambiente escolar, encontrando-se ainda atitudes machistas, mesmo nas mulheres (GUIMARÃES, 1995).

É pertinente o olhar de Marta Suplicy (2008, p. 14) ao considerar as ações dos docentes quanto à sexualidade: “[...] repressiva, individualista, deformadora. Com um agravante: permitindo que o aluno esteja desinformado ou mal-informado, a escola e seu corpo institucional, contribuem para a infelicidade sexual do jovem”.

Conhecer e respeitar os jovens em seu modo de vida, idéias, valores e anseios é à base do trabalho educativo em geral e em especial sobre sexualidade. Trabalhar com adolescentes não é fácil. Implica em lidar com os próprios conflitos, mudar atitudes, rever o passado. A sexualidade do adolescente remete o professor para a sua sexualidade. Todos nós recebemos algum tipo de educação sexual que, na maioria das vezes, reflete um pensamento dominante (SUPLICY et al 2007).

VITIELLO e CONCEIÇÃO (1993) alertam que é comum ocorrer discordâncias com os pais, até como forma de auto-aceitação, sendo o grupo ao qual compartilha e convive com seu anseio muito importante no apoio emocional entre os adolescentes.

Essa aproximação entre os adolescentes e o distanciamento com os adultos, traz reflexos explícitos na educação sexual dos mesmos.

Por mais que pareça um verdadeiro ‘campo de guerra’ entre pais e filhos adolescentes, os filhos demonstram em certo momento uma necessidade de estabelecer um diálogo sobre sexualidade com seus pais. E as atitudes dos pais em relação a esse assunto com seus filhos adolescentes poderão acontecer de duas formas totalmente diferentes, ou seja, de forma positiva ou negativa.

Por convivermos de maneira ‘indireta’ em uma sociedade machista, mesmo que as mulheres tenham expandido seu ambiente de trabalho, de maneira negativa, alguns pais parecem sentir-se ameaçados pela sexualidade dos seus filhos adolescentes e tentam controlá-la de maneira não lógica, como: proibindo a educação na escola, restringindo as informações sobre os métodos anticoncepcionais, censurando o que os adolescentes lêem ou vêem na televisão, inventando códigos de vestuário para as escolas, ou simplesmente fazem de conta que a sexualidade do adolescente não existe (MASTERS; JOHNSON, 1988).

Como se não bastasse, os autores Masters e Johnson (1988), retratam que alguns pais além de contribuírem com suas atitudes positivas, ou negativas quanto ao desenvolvimento da sexualidade dos seus adolescentes, ainda ficam preocupados quando estão parecendo antiquados e excessivamente rigorosos, pois não querem parecer que são assim, mas possuem uma crença sincera nos valores tradicionais de comportamento sexual, os quais os adolescentes podem ter dificuldades de compreender.

O estilo de vida sexual dos pais não define o grau de permissividade dos mesmos em relação ao sexo na adolescência no que tange aos seus próprios filhos. É comum ouvirmos alguns discursos liberais, mas na prática as condutas não são tão permissivas assim. Alguns poucos pais até, pressionam seus filhos para obterem experiências sexuais. Talvez esse tipo de conduta seja mais para os filhos homens. Estes pais são os que discutem a sexualidade de forma mais aberta, auxiliando seus filhos a obter contraceptivos.

A educação sexual tem sido frequentemente acusada de influenciar os adolescentes a iniciarem a vida sexual mais cedo. Contudo, os adolescentes, hoje, estão cada vez mais adiantados em relação à idade, e convém não esquecer que os

transtornos sexuais não costumam acontecer porque os jovens sabem muito sobre sexualidade e sim, porque não estão suficientemente informados. E é justamente sobre este aspecto que procuramos desenvolver esta pesquisa monográfica na Escola Rural Gilcina Carvalho de Campo Formoso, para saber o nível de conhecimento sobre sexualidade dos alunos adolescentes do 8^a e 9^a ano.

Assim, os PCNs incitam a escola a adotar práticas pedagógicas que visem formar sujeitos conscientes de seus compromissos éticos para consigo mesmos e para com a sociedade, o que envolve respeito à saúde, ao meio ambiente, à sexualidade, etc. E uma escola que se propõe a oferecer educação integral deve estar consciente de que o sexo é aspecto vital do ser humano, não mera curiosidade.

Enquanto educadores precisamos entender que a escola tem papel fundamental como suporte da família, no que concerne à educação sexual, e com as mudanças na estrutura familiar a escola passa a ser um forte contexto para o desenvolvimento de uma educação sexual que provoque no adolescente um sentido de alta responsabilidade e compromisso com a própria sexualidade.

CAPITULO III

O ADOLESCENTE E A VIDA SEXUAL PRECOCE

Contraditoriamente, observa-se hoje, que é cada vez maior a quantidade de adolescentes que optam pela preservação da virgindade até o casamento (McCABE e CUMMINS, 1998), mesmo que outras pesquisas apontem que tal comportamento pode estar ligado apenas a uma maneira de prevenção às doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) que passa por evitar relações pré-maritais (BAY-CHING, 2001; GIAMI, 2002).

Esse período da adolescência é bastante complicado. Segundo Tiba (1986, p. 140), a adolescência é uma das fases em que o homem seja ele do sexo feminino ou masculino sofre as maiores modificações no seu processo vital, do nascimento à morte. Para Rodriguês Júnior (1991), a adolescência encontra-se nos limites de 12 a 21 anos, para as garotas, e de 13 a 22 anos para os garotos. Nesta fase de crescimento, que começa fisicamente com a puberdade e termina com a maioridade, o corpo modifica, surgem novas funções, a mente se desenvolve, o ambiente se transforma, a qualidade das sensações afetivas e sexuais se transforma.

Desse modo, existem várias definições para adolescência, alguns autores tratam de enfatizar as transformações físicas e, outros, as modificações psicossociais. Mas, Vitiello e Conceição (1990), assim como a maioria dos autores da área compartilham a idéia da interdependência de estes fatores, vejamos:

“A adolescência compreendida como fase peculiar da transição biospíco-social, é um período caracterizado pelas transformações biológicas e pela busca da definição de um papel social, determinado pelos padrões culturais do meio. Essa conceituação, exarada do Seminário Latino-Americano sobre a Saúde do Adolescente, chama a atenção para a complexidade do problema. De fato, os aspectos biológicos estão de tal maneira imbricadas com aqueles de fundo psicossocial, que a interdependência e a interação entre eles é complicada. Por esse motivo, é impossível compreender os aspectos ligados ao exercício da sexualidade e sobre eles influir, sem uma compreensão global da adolescência” (Vitiello e Conceição, 1990, p.15).

Essa fase da adolescência é bastante complicada, principalmente no que se refere a tratar de sua vida sexual precoce. Reconhecemos que não é tarefa tão simples assim. DIMENSTEIN (1998) acredita que a falta dessa simplicidade para um adolescente responder as seguintes questões: “Quantos filhos você gostaria de ter?”, “Será que vou conseguir sustentar um filho?”, tem a ver com a crise social brasileira.

Contraopondo a idéia inicial apresentada no início desse capítulo, no Brasil, de um milhão e meio a dois milhões de adolescentes engravidam por ano. E assusta ainda mais saber que isso não se deve ao fato de não haver condições de acesso a métodos contraceptivos, principalmente preservativos ou porque não há informações disponíveis. Pois em muitos meios há esclarecimentos necessários ao adolescente sobre sua vida sexual precoce, inclusive demonstrando que, segundo os médicos, ter um filho na adolescência é perigoso para a mãe, pois seu corpo ainda não está preparado para o parto.

Além do mais, segundo o Ministério da saúde: no Brasil se faziam, anualmente, quatro milhões de abortos. Salvo algumas exceções (estupro ou risco de vida da mãe), o aborto é ilegal. E o pior disso tudo, é que a adolescente jovem-mulher, procura clínicas clandestinas, sem fiscalização, correndo riscos de saúde. E aqueles que não têm condições de pagar nem essas “clínicas” usam métodos ainda mais perigosos para tirar o bebê. Todo ano, quatrocentas mil mulheres vão parar em hospitais para tratar seqüelas do aborto (DIMENSTEIN, 1998).

Podemos acrescentar ainda que, os meios de comunicação como a televisão, entre tantos outros que utilizam o sexo para chamar a atenção das pessoas, acabam estimulando e criando curiosidades precoces até em crianças, o que dificulta bastante o processo de conscientização e responsabilidade individual destas sobre o assunto. Sabemos que, apesar dos problemas fisiológicos, quando uma adolescente engravida, ela passa também por problemas psicológicos, pois uma mudança de vida rápida exige grande adaptação e isso pode gerar conflitos, pois uma grande etapa de sua vida foi pulada.

Segundo Ribeiro, Barbieri e Silva, (2000) Quanto à evolução da gestação, existem referências a maior incidência de anemia materna, doença hipertensiva específica da gravidez, desproporção céfalo-pélvica, infecção urinária, prematuridade, placenta prévia, baixo peso ao nascer, sofrimento fetal agudo intra-parto, complicações no parto (lesões no canal de parto e hemorragias) e puerpério (endometrite, infecções, deiscência de incisões, dificuldade para amamentar, entre outros), o que deixa evidente que nesta fase da vida, os cuidados devem ser redobrados, contrapondo o que diz Yazlle (2000) ao afirmar que:

No entanto, alguns autores sustentam a idéia de que, a gravidez pode ser bem tolerada pelas adolescentes, desde que elas recebam assistência pré-natal adequada, ou seja, precocemente e de forma regular, durante todo o período gestacional, o que nem sempre acontece, devido a vários fatores, que vão desde a dificuldade de reconhecimento e aceitação da gestação pela jovem até a dificuldade para o agendamento da consulta inicial do pré-natal (YAZLLE,2000).

Dessa forma, se torna cada vez mais imprescindível informar os adolescentes sobre este assunto, tanto no contexto familiar como na escola. Portanto, se de um lado, a influência dos meios de comunicação no desenvolvimento da sexualidade pode ser maléfica, de outro, é a grande abertura para a aproximação e diálogo sobre tais fatos, mais prejudicial seria fechar os olhos ou abaixar a cabeça e fazer de conta que eles não existem.

Nascimento e Romera (1999), são enfáticos ao dizer que as pesquisas sobre educação sexual e adolescência, todas apontam o seguinte:

“As informações sobre sexo e sexualidade, são adquiridas em primeiro lugar com os colegas da mesma idade, depois recorrem às mães e em terceiro lugar, os adolescentes procuram as professoras. Os adolescentes afirmam, que os pais dão informações insuficientes, possuem reações negativas quando têm cenas de sexo na TV e relatam que os pais desconhecem a vida sexual ativa dos seus filhos adolescentes, especialmente das filhas”(Nascimento e Romera,1999, p.238).

Essa sinalização aponta a necessidade do diálogo sobre a sexualidade entre os adolescentes. Isto faz com que o adolescente tenha poucas alternativas. Ou luta contra os próprios desejos sexuais, ou satisfaz-se do modo e nas condições que houver, na maioria das vezes inadequadas.

Quanto à vida sexual precoce dos adolescentes, é difícil uma mensuração, sobre o quanto tais adolescentes vêm exercendo atividade sexual. Indiretamente, pelas consequências, (gestações, abortos e doenças sexualmente transmissíveis) pode-se estimar ser grande este universo.

No que diz respeito à sexualidade da moça adolescente, a grande mudança que ocorreu nas últimas cinco décadas foi à prática da sexualidade por jovens do sexo feminino em condições pré-conjugais, Vitiello e Conceição (1990) dizem que, o exercício da sexualidade entre adolescentes não é uma invenção de nossa época. Há apenas 40 anos, avós se casaram aos 14,15 e 16 anos.

Nos nossos dias, com a liberação sexual que se iniciou nos anos 60, a idéia de prolongamento da idade ideal para um adolescente se casar e a menarca acontecendo cada vez mais cedo (ficando apta para o sexo precocemente), a moças adolescentes participam ativamente da sexualidade como os jovens do sexo masculino sempre o fizeram, algumas vezes até incentivados por alguns pais (demonstração do machismo para confirmação da sexualidade masculina). Esses fatos trazem um novo modelo dos comportamentos sexuais na adolescência.

Ouvimos histórias dos nossos avôs, que antigamente, a iniciação sexual de um homem (jovem-adolescente), geralmente acontecia com prostitutas. Hoje em dia, esse novo modelo, na maioria das vezes, a iniciação sexual é feita entre adolescentes do mesmo grupo, ocasionalmente até poucos dias após o início do namoro. (Vitiello e Conceição, 1990).

Os aspectos positivos da descoberta a dois, geralmente são atrapalhados pelas desvantagens de uma mútua inexperiência, além das condições precárias em que essa iniciação sexual corriqueiramente acontece. A respeito destas desvantagens, Vitiello e Conceição (1990) acreditam:

“Nossa sociedade, através dos meios de comunicação, tem feito uma verdadeira apoteose do orgasmo (...). Passa-se a imagem de que o orgasmo é uma obrigação e a relação em que ele não é alcançado é francamente patológica. Nossos casais de adolescentes, mal conhecendo a si próprios, quanto mais ao parceiro, iniciam uma relação sexual (...) em que ambos estão nervosos, inseguros e ansiosos, por experimentar o tal

'orgasmo' (...) É claro que o casal, principalmente a mulher – de inexperientes, que não conhecem as suas zonas erógenas e não sabem como intensificar a excitação – e que frequentemente estão envolvidas em relacionamentos clandestinos, se frustram. É fato comum, em ambulatórios de atendimento a adolescentes, ouvir referências de iniciações desagradáveis, quando não traumatizantes” (Vitiello e Conceição, 1990, p.24).

Ainda segundo Vitiello e Conceição (1990) estes jovens adolescentes são levados pelo temor do insucesso e a angústia de auto – avaliar – se constantemente quanto ao seu próprio desempenho sexual, sem dúvida, faz com que a iniciação sexual seja também uma experiência menos valiosa do que deveria.

E atrelada a este novo modelo, os adolescentes criaram o “ficar”, que para os mesmos pode representar uma companhia até o ato sexual, sem um compromisso entre esses adolescentes. Outro conceito pré-formado, que a maioria dos adultos alimenta, é sobre a promiscuidade sexual dos adolescentes. De modo geral, os adolescentes têm um namorado (a) que é seu parceiro (a) sexual fixo, sendo raros os casos em que se constatam a “infidelidade”. O que acontece na adolescência, com certa regularidade, é a troca de namorados (as) após um certo período de tempo, configurando a situação denominada de “monogamia serial” (Vitiello e Conceição, 1990).

A sexualidade, desse modo, como vem sendo efetivada pelos adolescentes de ambos os sexos, tem aspectos altamente negativos. A disseminação das doenças sexualmente transmissíveis (DST) é um destes aspectos negativos. Doenças como sífilis, por exemplo, consideradas quase extintas, ressurgiram e cresceram a partir dos anos 60. Moléstias com alto poder de mortalidade, como a gonorréia, tornaram-se muito comuns. (Vitiello e Conceição, 1990). Os adolescentes são um dos grupos que mais se contaminam com o vírus da AIDS. Segundo a UNICEF (Fundo das Nações Unidas para a Infância), surge no mundo um novo caso de AIDS a cada seis minutos, na faixa de 15 a 24 anos (Nedeff, 2000).

Conforme Vitiello e Conceição (1990), a sensação de impunidade e invulnerabilidade, típico resquício do “pensamento mágico” infantil, que ainda sobrevive na adolescência, faz com que os jovens ignorem ou desprezem as medidas profiláticas e o tratamento precoce das DSTs.

Outra consequência negativa é o número de gestações indesejadas como já foi mencionado anteriormente neste capítulo ao tratar sobre a influência dos meios de comunicação e a ausência de diálogo dos pais com seus filhos adolescentes. Onde, sem meios para adquirir instrução anticoncepcional adequada, as jovens acabam valendo-se de leituras mal compreendidas, ou de conselhos desinformados de outros adolescentes. O rapaz dentro do esquema machista, frequentemente se omite, ou se recusa a participar da anticoncepção (Vitiello e Conceição, 1990). A atividade sexual precoce predispõe a gravidez e, conseqüentemente, ao aborto. Segundo estimativas do Ministério da Saúde, no ano de 1997, cerca de um milhão de adolescentes ficaram grávidas em nosso país. Uma em cada três adolescentes de 19 anos já é mãe ou está grávida do primeiro filho, sendo que 50% desses filhos são indesejados (DIMENSTEIN; LAMBERT, 1998).

Em pleno ano de 2010, um padre da TV Canção Nova em uma de suas palestras em São Paulo, dia 24 de julho de 2010, afirmava que 46 milhões de abortos estão sendo praticados por ano, uma verdadeira guerra sem armas contra vidas inofensivas. O aborto em nossa época mata mais que o tirano Hitler. E muitas vezes, mesmo quando informadas, jovens de classes economicamente desfavoráveis não têm condições financeiras para adquirir métodos anticoncepcionais, conseqüentemente elas acabam optando ou por assumirem sozinhas a criança ou por interromper intencionalmente a gravidez, prática comumente realizada em condições de risco aumentando a mortalidade, principalmente por infecção e hemorragia.

Quanto a essa vida sexual precoce dos adolescentes, outra autora alerta para outro fato que deve ser observado: o abandono escolar dessas adolescentes que engravidam precocemente. Manhoso (1997) defende que a gravidez não planejada, principalmente na adolescência, a união marital precoce e a presença de filhos, constituem os principais fatores de abandono escolar, uma vez que a mulher, se adolescente, envergonha-se da gravidez, ocorrida na maioria das vezes acidentalmente, acabando por ficar em casa, por vontade própria ou por pressão familiar, contribuindo com as atividades domésticas.

A mesma autora diz ainda que, sendo a escola um ambiente que promove à ascensão sócio-econômica e cultural do indivíduo, ao abandoná-la a jovem estará deixando de lado esta promoção, perdendo oportunidades que certamente a levaria a melhores condições de vida.

Como os jovens da atualidade iniciam sua vida sexual de forma precoce em relação aos de décadas anteriores, como já foi mencionado anteriormente, é importante que seja disseminado o uso de métodos anticoncepcionais entre eles, desde que orientados. Pois, segundo vários autores pesquisados, o que percebemos nos contatos nas nossas escolas e no nosso dia-a-dia, é que, cada vez mais nos deparamos com adolescentes grávidas, sendo contraditório ao fato mencionado no primeiro parágrafo deste capítulo, que as adolescentes estão se prevenindo e optando por casarem-se virgens, pelo menos essa é a realidade do Brasil e não o que afirmou McCaber e Cummins no ano de 1998 em sua realidade inglesa.

Segundo a Revista Veja Edição 1871 datada de 15.09.2004, de acordo com o estudo, realizado pela Universidade da Califórnia, jovens que assistem com freqüência a programas com conteúdo erótico são duas vezes mais propensos a precocidade nas relações sexuais do que aqueles que não vêem esse tipo de espetáculo porque os pais não permitem. O estudo analisou os hábitos televisivos e sexuais de 1792 adolescentes ao longo de um ano. “É um aprendizado por imitação”, expõe a psicóloga americana Rebeca Collins, uma das responsáveis pela pesquisa. “Se todo mundo está falando de sexo e fazendo sexo sem que nenhuma consequência negativa seja mostrada, o jovem pensa: “Eu preciso fazer sexo também”.

É importante que possamos refletir sobre sexualidade precoce e televisão. Os adolescentes necessitam de informações sobre sexualidade e é nosso dever como pais ajudá-los neste momento. Podemos ficar mais atentos aos programas de televisão que assistimos, para mostrar aos nossos filhos a realidade do sexo, como algo bom, prazeroso e responsável, não só a fantasia de que tudo é lindo e maravilhoso, pois a vida é real e não uma novela. E mais uma vez, torna-se necessário dizer, talvez falte por parte dos pais o diálogo com os filhos com o

questionamento de tais programas. Proibir de assistir é desgastante e, às vezes, desperta ainda mais a vontade e a curiosidade. Porém, um debate bem conduzido, apontando os valores e vícios, os aspectos positivos, talvez auxiliasse o jovem a selecionar melhor e com espírito crítico o que deseja assistir.

CAPITULO IV

METODOLOGIA

4.1. Área de estudo

A área de estudo a qual foi desenvolvida esta pesquisa foi o Município de Campo Formoso- Bahia, localizado à 400Km da capital do Estado, Salvador, com uma área geográfica de 6.806.10Km², com altitude de 580 metros acima do nível do mar, entre as coordenadas geográficas 10°30'13" de latitude ao Sul e 40°19'24" de longitude ao Oeste, sendo um dos municípios que faz parte do Piemonte Norte do Itapicuru (figura 01) (IBGE, 2007).

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) a população do município esta estimada em 68.101 habitantes (IBGE, 2009). O clima predominante do município é o semi-árido, apresentando variações de seco a sub-úmido dependendo da área local. A geologia do Município revela a existência de rochas, graníticas, jazidas de cristal de rocha esmeralda, ametistas, cromo, calcário, Calcita, manganês e o caulim. Além de minas de pedras preciosas como esmeralda citrine, ametista, e cristal de rocha.

O município apresenta uma flora nativa muito rica dividida em três zonas: Zona da Caatinga, Zona dos Tabuleiros da Nova Jacobina e Zona das Grotas ou serranas. A temperatura média é de 33°C e mínima de 12°. A população tem como atividades econômicas indústrias de extração de minerais; pecuária com a criação de bovinos e caprinos; agricultura com destaque o sisal, mamona, algodão, feijão milho e mandioca, além da agricultura irrigada com grande potencial hortifrutigranjeiros no Vale do Salitre onde são produzidos produtos de excelente qualidade, que abastece a região e são exportados para outros continentes como o melão, uvas, tomates entre outras.

O município possui um dos mais importantes sítios espeleológicos e paleontológicos brasileiros localizando-se na Chapada Diamantina, que tem como

destaque a Toca da Boa Vista, com mais de 120Km de galerias mapeadas até 2007, que conjuntamente com as cavernas vizinhas Toca da Barriguda, Toca do Calor de Cima, Toca do Pitu e Toca do Morrinho, constituindo um conjunto de relevância geológica mundial (PORTAL CAMPO FORMOSO,.2003)



Figura 01 - Mapa da localização da cidade de Campo Formoso. Modificado por Josenilde Ferreira
(Fonte: <http://www.a-bahia.com/diretorio/catimages/regiao-piemonte-diamantina.gif>)

O município tem uma área geográfica extensa, a maioria da população vive na zona rural, tem como atividade econômica a agropecuária de pequeno porte, mais para a subsistência. De acordo com dados coletados pela ONU (2000), o município ocupava no Ranking Nacional a posição 4429 e entre os municípios da Bahia a posição 245 de acordo com o Índice de Desenvolvimento Humano, a taxa de alfabetização de adultos chegava a 0,668, e a de frequência escolar 0,809, tendo um índice de educação de 0,715 e uma renda per capita de 91.236.

O município atualmente recebe o apoio governamental e federal de Projetos que visam o combate a fome, o analfabetismo, o abuso e a exploração sexual de crianças e adolescentes, apoio às gestantes de baixa renda, Conselho tutelar atuante, trabalhos com alunos da rede pública municipal, com o programa de erradicação de drogas, PROERD, ministrado pela Polícia Militar, entre outros que trazem melhorias à vida dos campo-formosenses, principalmente os de baixa renda.

Nesse contexto, encontra-se a Escola Rural Gilcina Carvalho, que há 10 anos presta serviço a alunos da zona rural do município de Campo Formoso, seguindo a linha educacional das escolas rurais da Fundação José Carvalho, que tem como objetivo principal oferecer uma educação de qualidade, adequada às peculiaridades do contexto rural do nordeste brasileiro.

A referida escola fica localizada na BA-220, Km 08, neste município (Figura 02), no que diz respeito à estrutura física da escola, a mesma é detentora de estrutura privilegiada e criteriosamente organizada, na parte externa encontra-se áreas específicas para a criação de bovinos, caprinos, suínos e aves, dispendo também de uma área para horta e pomar; Encontra-se ainda em seu exterior um templo, um refeitório, dormitórios com banheiros, cozinha, sala de socialização, posto médico, lavanderia, almoxarifado e uma ampla área que dispõe de quadra de esportes, campo e pátio para jogos, atividades físicas e recreativas.

O espaço interno é composto por dez salas de aula, sala dos professores com dois banheiros, secretaria, diretoria, coordenadoria, auditório, cantina, 08 banheiros masculinos, 08 femininos, biblioteca (sala de leitura) e laboratório de informática. Possui um quadro de 100 funcionários sendo: 01 diretora, 01 vice-diretora, 02 coordenadoras pedagógicas, 01 coordenadora de disciplina, 01 psicopedagoga, 06 secretários, 02 técnicos agrícolas, 29 professores, 21 auxiliares de disciplina, 06 enfermeiras, 09 auxiliares de serviços gerais, 03 auxiliares de técnico agrícola, 01 auxiliar de almoxarifado, 06 vigilantes, 07 cozinheiras, 03 merendeiras, 01 costureira. A escola dispõe de recursos didáticos e audiovisuais que ajudam a desenvolver as atividades de ensino e aprendizagem com qualidade.

Atualmente a escola esta com 378 alunos divididos em 02 grupos, cursando o ensino fundamental I e II, em regime de internato durante os três turnos, e em três períodos durante o ano, de forma alternada, passando aproximadamente 45 dias de cada período na escola e 45 dias em casa.



Figura 02: Vista aérea da Escola Rural Gilcina Carvalho. Fonte: <http://portalcampoformoso.com.br/index.php?pg=mostrar> acesso em 04/08/10

4.2. Caracterização da pesquisa

Considerando a complexidade que envolve o fenômeno educacional, todo o ato educativo, e o tema sexualidade optamos pela abordagem por meio das pesquisas descritiva com caráter qualitativa com aspectos também quantitativos.

Na concepção de Gil (1999), a pesquisa descritiva tem como principal objetivo descrever características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relação entre as variáveis. Uma de suas características mais significativas está na utilização de técnicas padronizadas de coletas de dados. Nesse contexto, descrever significa identificar, relatar, comparar, entre outros aspectos, e um dos objetivos dessa pesquisa é saber o nível do conhecimento do aluno em relação o tema estudado.

De forma análoga, Andrade (2002) destaca que a pesquisa descritiva preocupa-se em observar os fatos, registrá-los, analisá-los, classificá-los e interpretá-los, e o pesquisador não interfere neles. Assim, os fenômenos do mundo físico e humano são estudados, mas não são manipulados pelo pesquisador. Já a pesquisa bibliográfica para Cervo e Bervian (1983):

Explica um problema a partir de referências teóricas publicadas em documentos. Pode ser realizada independentemente ou como parte da pesquisa descritiva ou experimental. Ambos os casos buscam conhecer e analisar as contribuições culturais ou científicas do passado existentes sobre um determinado assunto, tema ou problema (CERVO e BERVIAN, 1983, p. 55).

E por essa pesquisa ser de natureza teórica, a pesquisa bibliográfica foi parte importante já que foi por meio dela que tomamos conhecimento sobre a produção científica existente sobre a temática pesquisada, o que nos proporcionou um conhecimento mais aprofundado sobre o assunto. Segundo Gil (1999), as pesquisas de levantamento:

se caracteriza pela interrogação direta das pessoas cujo comportamento se deseja conhecer. Basicamente, procede-se a solicitação de informações a um grupo significativo de pessoas acerca do problema estudado para em seguida, mediante análise quantitativa, obter as conclusões correspondentes aos dados coletados (GIL, 1999, p. 70).

Quanto à pesquisa ser qualitativa Richardson (1999, p. 80) menciona que “os estudos que empregam uma metodologia qualitativa podem descrever a complexidade de determinado problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais”. Ressalta também que podem “contribuir no processo de mudança de determinado grupo e possibilitar, em maior nível de profundidade, o entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos”.

Destaca ainda sua importância ao ter a intenção de garantir a precisão dos resultados, evitar distorções de análise e interpretação, possibilitando uma margem de segurança quanto às inferências feitas. Assim, a abordagem quantitativa é frequentemente aplicada nos estudos descritivos, que procuram descobrir e classificar a relação entre variáveis e a relação de causalidade entre fenômenos.

4. 3. Sujeitos da pesquisa

Participaram desta pesquisa os discentes da Escola Rural Gilcina Carvalho, alunos do 8º e 9º ano do Ensino Fundamental II, que ficam internados na respectiva

escola, divididos em dois grupos, lembrando que a escola é de alternância. Os questionários foram aplicados aos dois grupos, sendo que no primeiro grupo aos alunos do 8º ano (5 alunos do sexo masculino), e aos alunos do 9º ano (23 alunos de ambos os sexos), ao segundo grupo somente aos alunos do 8º ano (14 alunos de ambos os sexos), neste grupo não é oferecido estudo a alunos do 9º ano.

Os alunos estudam nos três turnos, tem entre 13 e 18 anos, são adolescentes, moram na zona rural do município, são na maioria de famílias de baixa renda, que vivem da produção de roça, sisal e agropecuária de subsistência, são oriundos de famílias numerosas e que os pais na maioria não têm quase nenhuma instrução educacional, por esse motivo e outros que envolvem o tema da pesquisa, eles foram escolhidos a responderem aos questionários.

4.4. Coleta de dados

Após a escolha do tema sexualidade, foi feito um levantamento bibliográfico, para ter um maior embasamento sobre o tema, e principalmente para elaborar um questionário o qual proporcionasse alcançar os objetivos traçados.

O questionário foi o instrumento escolhido para a coleta de dados por ser um instrumento muito utilizado por pesquisadores, segundo Parasuraman (1991), um questionário é tão somente um conjunto de questões, feito para gerar os dados necessários para se atingir os objetivos do projeto. E neste caso essencial ao nosso objetivo que seria verificar o nível de conhecimento que os alunos tinham sobre sexualidade.

Para podermos aplicar o questionário enviamos a direção da escola um termo de consentimento livre esclarecido (anexo I), para obtermos a permissão da mesma, já que a escola é responsável pelos alunos quando os mesmos estão internados na escola, como também enviamos pelos professores itinerantes o mesmo termo para os pais dos alunos menores assinarem.

A coleta de dados ocorreu em duas etapas, isso porque o tipo de ensino da escola é o de alternância, então, o questionário foi aplicado aos alunos do 2º grupo – 8º ano no dia 04 de junho, e para o 1º grupo – 8º e 9º ano no dia 21 de julho de 2010. O questionário constava de 10 questões, sendo 09 de múltipla escolha, 01 aberta (apêndice I). Segundo Mattar (1996) As perguntas de múltipla escolha são perguntas fechadas com várias opções de respostas, elas têm a vantagem de gerar dados mais aprofundados e são fáceis de tabular e analisar; nas perguntas abertas as pessoas respondem as questões com suas próprias palavras, é coletado uma quantidade maior de dados, e não são influenciadas por respostas predeterminadas. Ademais constava no cabeçalho o perfil do aluno o que nos permitiu identificar a idade, o gênero e a série do mesmo.

Antes de ser aplicado o questionário foi explicado aos alunos o objetivo da pesquisa e que eles receberiam um questionário o qual teria questões sobre sexualidade e outros temas relacionados, que eles deveriam responder, e se tivessem alguma dúvida poderiam perguntar ao pesquisador, e o mais importante que não precisavam se identificar o que os deixou mais a vontade para responderem.

CAPITULO V

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os estudantes escolhidos para participar da pesquisa monográfica foram os alunos da Escola Rural Gilcina Carvalho, adolescentes, estudantes do 8º e 9º ano do Ensino Fundamental II. E como veremos na tabela 01, estes preencheram o perfil os quais nos possibilitou alcançar os objetivos propostos.

TABELA 01: Características dos alunos colaboradores do 8º e 9º Ano da Escola Rural Gilcina Carvalho

CARACTERÍSTICAS	Nº DE ALUNOS COLABORADORES	%
GÊNERO		
Masculino	25	64,10
Feminino	14	35,90
IDADE (EM ANOS)		
12	01	2,70
13	04	10,81
14	09	24,32
15	08	21,62
16	05	13,51
17	05	13,51
18	05	13,51
SERIE		
8º	17	43,59
9ª	22	56,41

Ao verificarmos a idade destes alunos colaboradores, percebemos que são alunos adolescentes entre 12 e 18 anos. Este é um período de transição da infância à vida adulta, ou à maturidade, ou ainda, um ser em transformação que está se descobrindo em todo seu esplendor.

Estes alunos não diferem dos demais adolescentes, passam por uma fase conturbada a qual chamamos de adolescência, que segundo alguns autores é um período de mudança e transição, que afeta os aspectos físicos, sexuais, cognitivos e emocionais. Aberastury e Knobel (1992) a concebem como a fase da reorganização

emocional, de turbulência e instabilidade, caracterizada pelo processo biopsíquico a qual os adolescentes estão destinados.

A corrente de identificação da adolescência como uma fase de "tempestade e estresse" e dos adolescentes como "conflituosos e conturbados" (TOMMASI, 1999), ainda perdura na sociedade, embora hoje se perceba que esta concepção foi "grandemente exagerada" (BEE, 1996).

O QUE É SEXUALIDADE?

■ Sexo ■ Sexo/direito ■ Sexo/respeito ■ Outras respostas

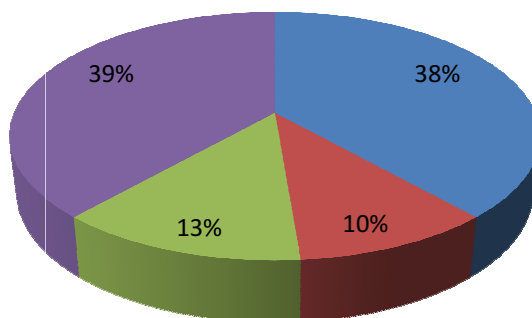


Figura 03: Alusivo a questão: "Quando falamos de sexualidade, de que falamos?"

Como já descrito anteriormente e em outros capítulos, o termo sexualidade abrange muitos conceitos, mais como podemos observar, na figura 03, as pessoas normalmente ligam sexualidade ao conceito de sexo, isto foi o que verificamos ao aplicarmos o questionário aos adolescentes da Escola Rural:

De acordo com as respostas obtidas e que pode ser observado na figura 03, para maioria dos entrevistados, sexualidade se refere ao sexo. Dos 39 alunos, 15 (38%) marcaram somente a alternativa sexo, 05 (13%) dos entrevistados assinalaram sexo e respeito às diferenças, 04 (10%) sexo e direito, o restantes dos entrevistados, aproximadamente 39%, 08 apontaram além de sexo outras alternativas, como: afetividade, comportamento e limites, e somente 07 dos entrevistados não marcaram a opção sexo.

É necessário diferenciar sexo de sexualidade, para o Kamasutra (2007) sexo relaciona-se a características biológicas que definem seres humanos como homem ou mulher, usualmente é utilizado para significar “atividade sexual”, mas tecnicamente no contexto de sexualidade e discussões de saúde, a definição inicial é a preferida. Já a sexualidade para a Organização Mundial da Saúde é definida como:

um aspecto central do ser humano durante sua vida e compreende o sexo, identidades e papéis de gênero, orientação sexual, erotismo, prazer, intimidade e reprodução. A sexualidade é vivenciada e expressa em pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, comportamentos, práticas, papéis e relações. Embora a sexualidade possa incluir todas essas dimensões, nem todas elas são sempre vivenciadas ou expressas. A sexualidade é influenciada pela interação de fatores biológicos, psicológicos, sociais, econômicos, políticos, culturais, éticos, legais, históricos, religiosos e espirituais (OMS, 2004).

Para que se possa transformar essa visão conturbada do que é sexualidade, é necessário que haja uma orientação sexual mais adequada para que esses alunos tenham um conhecimento correto do que se trata o assunto. Na pergunta nº 4, questionou-se aos colaboradores se já haviam recebido alguma orientação sobre sexo, total de 39 (trinta e nove) apenas 02 (dois) não a receberam. Na questão subsequente (4.1), separando-se as respostas entre os cooperadores do sexo masculino e feminino, obteve-se qual seria a fonte dessa orientação sexual, como vemos na figura 04 o percentual obtido:

ORIENTAÇÃO SEXUAL

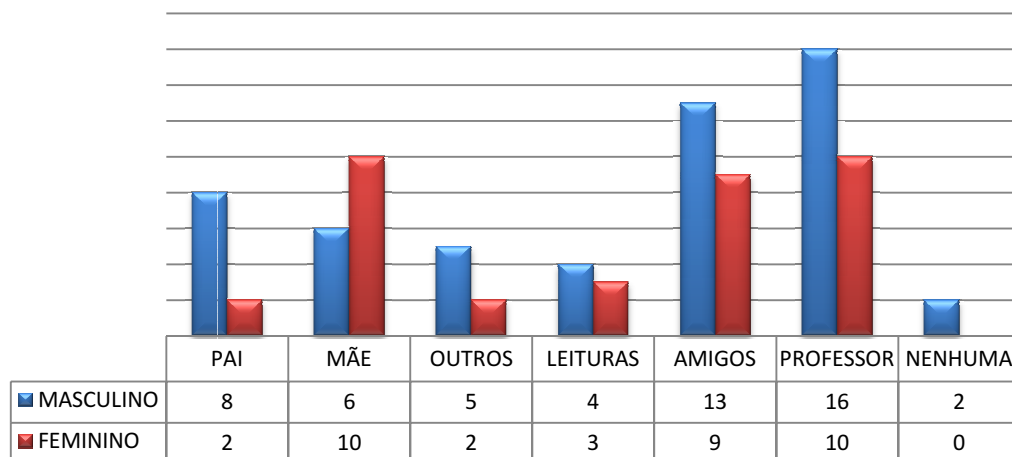


Figura 04: Amostragem das orientações recebidas pelos alunos colaboradores.

O que se pôde constatar é que o tema sexualidade como afirmou Altmamn (2001), em seu artigo intitulado “Orientação sexual nos parâmetros curriculares nacionais”, está na ordem do dia da escola. Presente em diversos espaços escolares, ultrapassa fronteiras disciplinares e de gênero, permeia conversas entre meninos e meninas e é assunto a ser abordado na sala de aula pelos diferentes especialistas da escola; tornando-se tema de capítulos de livros didáticos, bem como de músicas, danças e brincadeiras que animam recreios e festas. Recentemente ela, a sexualidade, foi constituída, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, em tema transversal.

Pelo resultado da pesquisa percebemos que a orientação sexual realmente ultrapassa todas as fronteiras, acontecendo tanto na família quanto na escola, entre profissionais da educação e amigos, e até mesmo através de leitura, tanto de maneiras formais e informais. No caso dos envolvidos na pesquisa, ao optarem por múltiplas alternativas, estes informaram receber essas orientações, na maioria por professores (26), por amigos (as) (22) e pela mãe (16), sendo este último índice por conta das meninas (10) terem sido maioria na pesquisa, já os meninos (08) demonstraram procurar mais os pais. O baixo índice de orientação recebida na família deve-se ao fato dos pais serem na maioria analfabetos, morarem na zona rural e não terem tido uma orientação adequada. Muitos são de famílias desestruturadas, onde na maioria os pais são alcoólatras, “ignorantes”, no sentido de não terem meios de informação e um preparo psicológico para poder orientá-los adequadamente.

Na questão subsequente, relacionada ao mesmo termo orientação sexual, os resultados obtidos foram bem parecidos, na questão nº 04: Quando questionados sobre a relação deles com seus pais a respeito de perguntas sobre sexo, a maioria, 21 dos 39 alunos, assinalaram que não faziam perguntas sobre sexo a seus pais, 02 afirmaram que eram censurados, 02 que eram respondidos por ambos, 04 eram respondidos pelo pai e 10 que eram respondidos pela mãe, o que mostra que os mesmos não tem um dialogo aberto, e que a orientação por eles recebidas no contexto familiar é precária ou quase inexistente.

Esses fatos fazem com que eles procurem mais os amigos, amigas e professores para falarem sobre o assunto. É por isso, que é de fundamental importância que o tema seja levado ao âmbito escolar para que seja debatido e ensinado principalmente porque os envolvidos na pesquisa ficam uma parte do ano internados na escola, para que os mesmos possam receber uma orientação mais adequada.

O que também foi confirmado na questão nº 05 , quando inquiridos sobre a quem os mesmos recorrem quando querem obter orientação sexual, 13 assinalaram que aos professores, 13 responderam que a ninguém, 08 a seus pais, 08 a amigos e 06 a livros, revistas e internet. Importante observar que nesta questão podia-se assinalar mais de uma alternativa.

Na questão nº 06, também relacionada à orientação sexual, 36 dos 39 alunos assinalaram que tinham tido orientação sexual com seus professores, 01 que não e 02 responderam que não lembravam. Poderíamos concluir que essa orientação no contexto escolar estaria acontecendo, o que não condiz com os resultados das questões seguintes, ou então, se realmente esses alunos estão tendo esta orientação e se ela está sendo insuficiente ou parcial.

Também foi questionado aos alunos colaboradores se já tinham presenciado alguma cena de sexo, 16 assinalaram que sim e 22 responderam que não, 01 não respondeu ao questionamento.

Em artigo publicado no jornal *Folha de S. Paulo* lê-se: "o melhor método anticoncepcional para as adolescentes é a escola: quanto maior a escolaridade, menor a fecundidade e maior a proteção contra doenças sexualmente transmissíveis" (DIMENSTEIN, 1999, p. 4). A escola é apontada como um importante instrumento para veicular informações sobre formas de evitar a gravidez e de se proteger de doenças sexualmente transmissíveis, chegando-se ao ponto de afirmar que quanto mais baixa a escolaridade, maior o índice de gravidez entre adolescentes, é o que afirma Altemamn (2001), o que faz com que nos lembremos da realidade que também cerca as alunas e familiares envolvidos na pesquisa.

Ficou mais evidente essa importância em se tratar do assunto em âmbito escolar depois de analisarmos as respostas coletadas na pergunta nº 2. “Você sabe o que é DST’s? Cite o nome de três delas”; Ficou claro que os estudantes, principalmente os do 8º ano, não receberam nenhuma orientação sobre o assunto, dos 17 estudantes, que responderam: 03 (17,65%) não souberam responder, 14 (82,35%) mencionaram AIDS, 05 (29,41%) citaram gonorréia, 03 (17,65%) responderam sífilis, 01 (5,88%) responderam hepatite C e 01 (5,88%) resposta que não tinha nada a ver com DST. Já os do 9º ano tiveram aula sobre o assunto em Programa de saúde, mas somente as meninas lembraram os nomes das doenças os meninos na maioria responderam AIDS, e 3 (13,64%) deram respostas que não tinha nada haver com DST tais como câncer de pele, oxiúro, ectoparasitas, protozoários, entre outras.(FIGURA 05).

O conhecimento que os alunos demonstraram através da pesquisa sobre doenças sexualmente transmissíveis é muito baixo e preocupante, levando-se em conta a importância que se deve ter em conhecê-las e evitá-las.

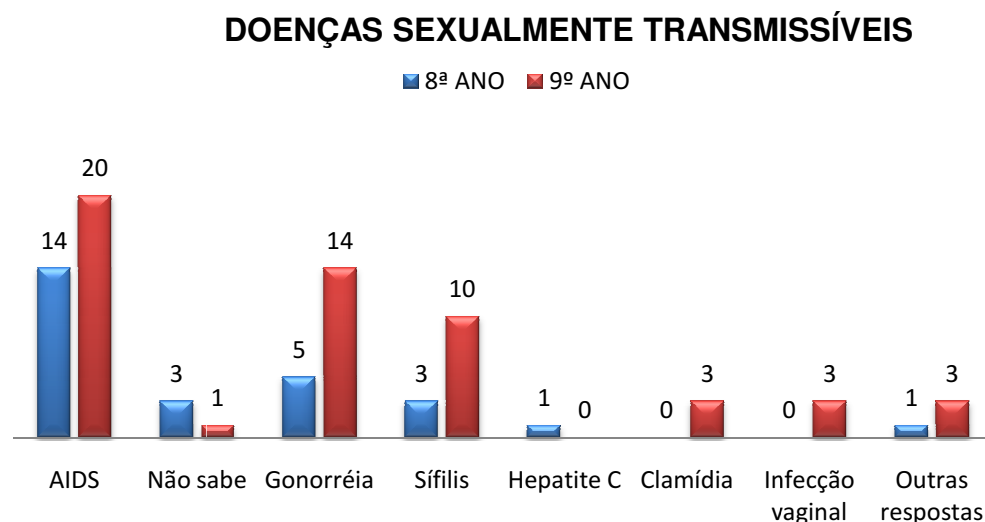


Figura 05: Resposta da questão nº 2, sobre doenças sexualmente transmissíveis.

Os alunos envolvidos na pesquisa têm uma compreensão escassa e insuficiente para terem um comportamento seguro, muitos desconhecem o nível de risco de contrair uma infecção e se engajam em contatos sexuais, como sexo oral e anal, sem reconhecê-los como fonte de contágio de doenças sexualmente

transmissíveis, o que é um perigo levando em conta que esses contatos acontecem cada vez mais cedo, com parceiros diferentes, sem prevenção e controle nenhum, o que é corriqueiro na região em que alguns moram começar uma vida sexual ativa muito cedo, muitas vezes ainda na fase infantil de suas vidas.

No que se refere à questão: "Você sabe quais são os métodos anticoncepcionais?", (figura 06) evidencia que os jovens relacionados na pesquisa tem pouco conhecimento sobre os anticoncepcionais, dos 39 entrevistados 10 (26%) disseram que conheciam, a maioria 16 (41%) responderam que não, 11 (28%) que conheciam alguns e 2 (5%) não responderam porque não sabiam o que era, é relevante lembrar que a maioria tanto nesta questão como em uma outra questão onde se questionava sobre o uso de contraceptivos ficaram sem saber responder o que foi necessário a intervenção do pesquisador para explicar do que se tratava a questão e oralmente 80% só conheciam a camisinha.

Métodos anticoncepcionais

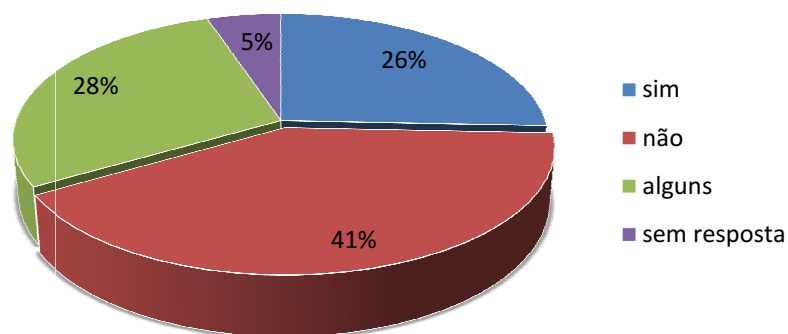


Figura 06: Resultados obtidos no que se diz respeito ao conhecimento dos alunos sobre os métodos anticoncepcionais

Em relação à anticoncepção, dados do Ministério da Saúde apontam que 55% das adolescentes solteiras e sexualmente ativas, no Brasil, nunca haviam usado nenhum método anticoncepcional, número que se eleva para 79% nas áreas rurais (BRASIL, 1996) número esse que não difere muito da realidade da nossa região, e que provavelmente o índice é muito mais alto. A falta de conhecimento por parte desses adolescentes sobre anticoncepcionais deixa-os mais vulneráveis ao risco de uma gravidez precoce, abortos, infecções e a doenças sexualmente transmissíveis.

Em nossa região é muito comum gravidez em adolescentes de 11,12,13 e 14 anos, essas adolescentes engravidam na sua grande maioria sem planejamento, por falta de informação, difícil acesso aos serviços de saúde, desconhecimento sobre métodos anticoncepcionais, falta de apoio familiar e expectativa de vida, baixa auto-estima, maus exemplos familiares, solidão, carência afetiva e necessidade de afirmação, curiosidade natural, necessidade de expressar amor e confiança, além da busca da liberação da tutela paterna, muitas vezes por abuso sexual e por ser comum em algumas regiões rurais a prática sexual muito cedo de meninas com baixa idade e homens mais velhos, entre outros, fatores esses que são discutidos em reuniões entre professores que relatam suas experiências com alunos em salas de aula, mais que enfatizam o que Guimarães, Vieira e Palmeira afirma:

Educadores, profissionais de saúde e pais, participantes ativos da formação dos adolescentes, com frequência, não têm consciência ou sensibilidade quanto ao problema desse grupo populacional: devido à falta de informação ou, simplesmente, ao constrangimento em discutir temas ligados à sexualidade, poupando o adolescente de usufruir do direito de escolha, com base em informações contextualizadas, de acordo com suas características de vida (GUIMARÃES, VIEIRA, PALMEIRA, 2003).

Ainda segundo Guimarães, Vieira e Palmeira devido à falta de oportunidades em casa, o adolescente busca em revistas, livros, jornais, grupos de amigos, televisão, entre outras fontes de informação, conhecer melhor sobre sexualidade e contracepção, e tentam esclarecer dúvidas existentes sobre o tema, algo que não deveria acontecer para que eles não tivessem uma visão conturbada e distorcida do assunto. E os mesmos autores reafirmam:

A escola, unidades de saúde e família devem atuar de forma integrada, de modo que o trabalho educativo encontre, na prática, o devido respaldo para transformar conhecimentos em atitudes e atitudes em comportamento, com a criação de oportunidade para que os adolescentes não só conheçam os métodos contraceptivos, mas reflitam sobre as questões biopsicossociais ligadas ao tema. Os educadores (professores, família e profissionais de saúde) poderão gerar comportamentos éticos e de respeito mútuo, bem como promover a integridade e a qualidade de vida desse grupo populacional (GUIMARÃES, VIEIRA e PALMEIRA, 2003)

Outro fato que chamou a atenção durante a pesquisa e que vem reforçar o despreparo desses adolescentes e a falta de informações consistentes e corretas sobre os temas decorridos na pesquisa, foi observado na questão 9 “Você se acha

capaz de assumir uma gravidez na adolescência?” e 10 “Você sabe dos riscos de uma gravidez na adolescência?”, nas mesmas foram pedido informações sobre gravidez na adolescência como veremos, Tabela 02 e Figura 07 eles assinalaram suas respostas e que logo após o termino do questionário, ao serem questionados oralmente, demonstraram que eles tem uma concepção muito distorcida da realidade do problema e poucas informações sobre o tema discutido, veremos a figura 02:

Tabela 02: Questão nº 9: “Você se acha capaz de assumir uma gravidez na adolescência?”

	SEXO MASCULINO		SEXO FEMININO	
	Nº	%	Nº	%
SIM	06	24%	04	28,60%
NÃO	11	44%	07	50%
TALVEZ	08	32%	03	21,40%

O que pudemos observar é que os adolescentes colaboradores opinaram em sua maioria que não estão preparados para assumirem uma gravidez na adolescência, na questão de está preparado ou capaz de assumir uma gravidez as meninas se acham mais preparadas do que os meninos, e nos que se dizem talvez, os meninos se acham capazes de assumir se por acaso engravidassem alguma menina, já as meninas se acham menos capazes de assumir uma gravidez neste período da vida. O que não corresponde à realidade, pois são na maioria adolescentes imaturos que ainda não estão preparados nem para se cuidarem quanto mais de assumirem uma família, esta eventual opinião deve-se ao fato de que suas mães tiveram filhos muito cedo, e eles estão acostumados a verem irmãs, primas, vizinhas e amigas terem filhos muito cedo.

Na figura 07: onde estão os resultados da questão nº 10 “Você sabe dos riscos de uma gravidez na adolescência?”, a maioria tanto os meninos (15) e quanto às meninas (12) disseram que sim, os meninos (07) assumiram mais que as meninas (01) que não sabem sobre esses riscos, e dos que ainda não pensaram sobre o assunto os meninos (03) e as meninas (01). Apesar de que à maioria assumiram que conhecem esses riscos, a realidade é outra, muitos acham que esse perigo se deve ao fato de que as meninas ainda não estão com o corpo preparado para uma gestação e que durante o parto podem morrer, e outros acham que é só

pelo motivo de que algumas chegam a engordarem muito e que são imaturas, nem um dos colaboradores sabem dos riscos eminentes desse tipo de gravidez.

Gravidez na adolescência

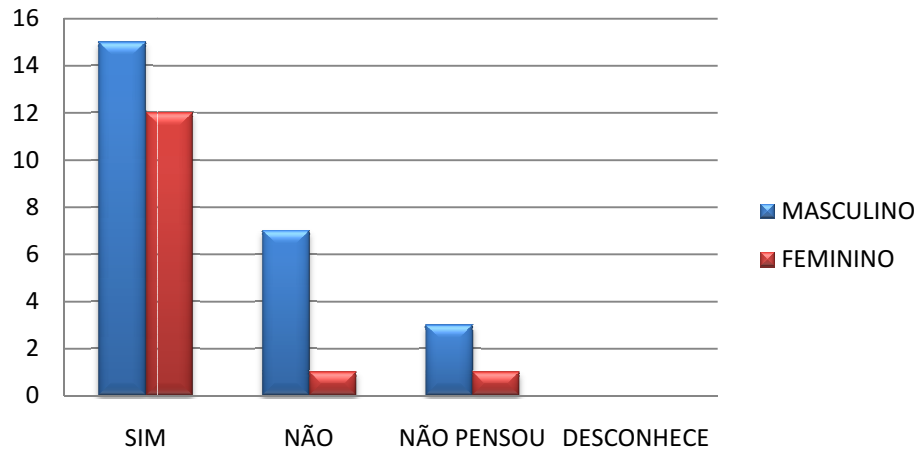


Figura 07: Questão nº 10: "Você sabe dos riscos de uma gravidez na adolescência?".

Essas reflexões aproximam-se o que defende Cabral (2003), na literatura brasileira a gravidez na adolescência aparece sob o enfoque de "risco", associada a um certo imaginário contemporâneo da adolescência enquanto um período instável, caracterizado por crises. Diversos estudos discorrem sobre os resultados indesejados de uma maternidade precoce para as mulheres e seus filhos, tal como a mortalidade infantil, justificada não só pela incapacidade fisiológica da gestante (cujos efeitos se traduziriam no tamanho e no baixo peso do recém-nascido), mas também pela imaturidade psíquica do jovem para criar uma criança, deixando esta mais propensa a contrair doenças infecto-contagiosas ou a sofrer acidentes, por exemplo.

A tendência de queda da idade média da menarca (primeira menstruação) e da iniciação sexual também aparece associada à gravidez na adolescência, assim como a falta de informação sobre métodos contraceptivos e a dificuldade de acesso a estes. É de conhecimento da sociedade campo-formosense um número altíssimo de adolescentes grávidas, não só das adolescentes de baixa renda, mais de todas as classes sociais.

A gravidez em adolescentes constitui, portanto, tema atual de discussão, tornando-se clara a necessidade de haver prevenção dos fatores de risco, surgindo, então, como proposta imediata, a educação sexual não só nas escolas públicas, mais em todas as esferas da sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo do pressuposto a qual essa pesquisa se objetivou percebe-se que, o nível de conhecimento destes alunos pesquisados não difere muito da realidade do conhecimento que tem a maioria dos jovens e adolescentes do nosso país, em especial do nordeste, onde o nível sócio-econômico desses cidadãos é mais baixo e são poucos os que têm acesso a tecnologia avançada.

Foi constatado através desta pesquisa que o conceito sobre sexualidade que eles apresentam continua enraizados de preconceitos, muito parecido com os que as gerações anteriores tinham, vez que os jovens no passado não costumavam discutir sobre sexo, e em nosso caso, um conceito errôneo, onde a maioria considera o sexo como sendo o único conceito para sexualidade.

Na escola o tema é pouco discutido e quando ocorre é feito apenas pela disciplina Programa de Saúde no 8º ano, e como propõe os Parâmetros Curriculares Nacionais esse tema deveria ser discutido por todas as disciplinas desde as séries iniciais.

Ao tabular, analisar, e discutir os resultados obtidos com os questionários, mesmo sabendo que é somente um resultado parcial e que os dados por si só não demonstram a realidade da problemática a qual atinge esses alunos colaboradores, percebeu-se que tanto a escola quanto a família não estão trabalhando de maneira preparatória com os mesmos em relação à temática abordada.

É notório que esses alunos não estão tendo uma educação familiar, adequada, fato que ficou constatado ao analisarmos a relação dos alunos com seus pais, quando não inexistente pelo menos no que versa discutir e orientar sobre sexualidade. Essa falha deve-se principalmente pela falta de tempo que estes têm em se comunicarem, os pais na maioria das vezes trabalham em roças o dia inteiro e quando chegam cansados e estressados não dão oportunidade para que seus filhos conversem sobre o assunto, sem falar que a maioria sente vergonha em falar

sobre o tema e principalmente por causa da cultura onde esses alunos estão inseridos.

Ainda que estejamos vivendo em pleno século XXI, e apesar de termos contato com vários meios de comunicação e informação, a sexualidade e os temas que a permeiam continuam ainda sendo desconhecidos pelos alunos pesquisados, quase metade deles não reconhecem os métodos anticoncepcionais, os que conheciam quase todos só tinham conhecimento sobre a camisinha, fato preocupante diante do fato desses alunos vivenciarem uma cultura onde é normal iniciarem uma vida sexual muito cedo, alguns ainda enquanto criança, e infelizmente com vários parceiros, o que os deixam sucessivos a diversas doenças sexualmente transmissíveis, e não só a AIDS, que para eles é a única que pode ser transmitida através do sexo, pois é cediço que existem tantas outras que também trazem perigo de morte aos envolvidos, os quais se tornam os únicos responsáveis por sua própria prevenção, o que também os capacitaria para uma busca de soluções e tratamentos caso esses venha a se contaminar por alguma delas.

Infelizmente, como já citado anteriormente, esses alunos têm uma cultura muito retrógrada, é normal para eles pré e adolescentes terem filhos. E quando questionados sobre a gravidez precoce, os mesmos afirmam que se as avós, mães, tias e irmãs tiveram e continuam tendo filho muito precocemente sem nenhuma consequência visível, então não existe nenhum problema, o que se torna difícil conseguir mudar um costume que já faz parte da cultura de um povo.

Espera-se que essa pesquisa venha contribuir de alguma forma para que essa discussão aqui esplanada abra um leque de curiosidades, abrindo caminhos para que outros pesquisadores venham a averiguar sobre o assunto, e que de alguma forma possa interferir de maneira positiva na concepção que as pessoas tenham sobre sexualidade. Que os resultados aqui apresentados tragam à tona um assunto que deve ser tratado com mais empenho, não só pela família, mas pelas instituições escolares e órgãos competentes da área de saúde e planejamento, porque só trabalhando com parcerias, e com objetivos bem traçados poderemos mudar as concepções desses indivíduos e de alguma forma mudar as estatísticas tão tristes que envolvem esses jovens e suas vidas sexuais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABERASTURY, A. & KNOBEL, M. Adolescência normal. Editora Artes Médicas, Porto Alegre, 1982.

ALTMANN, H. Orientação sexual nos parâmetros curriculares nacionais. Estudos Feministas, ano 9, 2 sem., p. 575-585, 2001.

ANDRADE, M. M. Como preparar trabalhos para cursos de pós-graduação: noções práticas. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

ARATANGY, L. R. Sexualidade: A difícil arte do encontro. São Paulo: Ed. Ática, 5ª edição, 1998.

BAY-CHING, L. I. Sex. Ed. Com: Values and Norms em Web-based sexuality Education. 2001. Journal of sex research [on-line], Disponível em: <http://www.findarticles.com/p/articles/mi_m2372/is_3_38/ai_82013896. > Acesso: 21 jul. 2010.

BECKER, D. O que é adolescência? São Paulo: Brasiliense, 1997. Disponível em: <<http://www.slowmind.net/adolescenza/lepre1.pdf>> acesso em 09 ago. 2010.

Bee, H. A criança em desenvolvimento. Editora Artes Médicas, Porto Alegre, 1996

BRASIL, Ministério da Educação. Secretária da Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural/ orientação sexual. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais. Brasília: MECSEF, 1998.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria da Criança e do Adolescente. Estatuto da Criança e do Adolescente. Brasília, 1991.

_____. Ministério da Saúde (BR). Secretaria Executiva de Coordenação da Saúde da Criança e Adolescente. Programa de Saúde do Adolescente: bases programáticas. 2 ed. Brasília (DF): Ministério da Saúde; 1996.

BRITZMAN. Curiosidades, sexualidade e currículo. In: LOURO, Guacira Lopes. O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

CABRAL, C.. S. Contracepção e gravidez na adolescência na perspectiva de jovens pais de uma comunidade favelada do Rio de Janeiro. Cad. Saúde. Pública. v. 19, supl. 2. Rio de Janeiro, 2003.

CANO, M. A. T.; FERRIANE, M. G. C.; GOMES, R. Sexualidade na adolescência: um estudo bibliográfico. Rev. Latino-Am. Enfermagem. vol.8. n .2.:Ribeirão Preto, Apr.2000.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. Metodologia científica: para uso dos estudantes universitários. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1983.

DIMENSTEIN, G. O cidadão de papel: A infância, a adolescência e os, Direitos Humanos no Brasil. São Paulo: Ed. Ática, 1998.

_____ Estudo relaciona falta de escolaridade com gravidez. Folha de S. Paulo, Caderno Campinas, São Paulo: 4 out.1999.

DIMENSTEIN, G.; LAMBERT, P. Sexo, aborto e AIDS explodem entre jovens. Folha de São Paulo, SP.3 de maio de 1998.

IBGE, (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), Síntese dos Indicadores Sociais 2007. Estudos e pesquisa de informações demográficas e socioeconômicas. Rio de Janeiro; 2007.

_____ Censo demográfico Contagem Populacional 2007

ONU, (Organização das Nações Unidas), IDH-M 2000. Disponível em <http://www.frigoletto.com.br/GeoEcon/idhba.htm> , acesso em 15 set.2010.

FARAH, Yasmin. Tudo Sobre Sexo. Disponível em <http://www.kamasutra.blog.br/2007/08/15/definicao-de-sexo-e-sexualidade-was/>

FOUCAULT, M.. A história da sexualidade I: a vontade de saber. 3 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2005.

_____ Microfísica do poder. 11 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

GIAMI, A. Sexual Health: the Emergence, Development and Diversity of a Concept. Annual Review of sex research, 2002.

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GUIMARÃES, I.: Educação Sexual na Escola: mito e realidade. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1995.

GUIMARÃES A.M.D.N; VIEIRA, M.J.; PALMEIRA, J.A.. Informações dos Adolescentes sobre métodos anticoncepcionais. Rev Latino-am. Enfermagem 2003 maio-junho; 11(3):293-8.

LAPATE, V. Educando para ávida: sexualidade e saúde. São Paulo: Ed. Sttima, 2004.

MANHOSO, F. R. Avaliação do conhecimento e uso de métodos contraceptivos entre puérperas, 1997. São Paulo. Monografia – Escola Paulista de Medicina, Universidade Federal de São Paulo, 1997.

MARIUZZO, T. Formação de Professores em orientação sexual: a sexualidade que está sendo ensinada nas nossas escolas. 2003. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências. Bauru, 2003.

MASTERS, W.; JOHNSON, V. O relacionamento amoroso: segredos do amor e da intimidade sexual. (trad. Por H. G. Barbosa; C. D. O. Soares; S.L. Carneiro e P. M. Rosas). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

MATTAR, F. N. Pesquisa de Marketing: edição compacta. São Paulo: Atlas, 1996.

McCABE, M.; CUMMINS, R. Sexuality and quality of life among Young people. Adolescence, 1998

MIELNIK, I. Educação sexual na escola e no lar: da infância à adolescência. ed. 2, São Paulo: IBRASA, 1980.

NASCIMENTO, M. J.C.; ROMERA, M. L. C. Sexualidade, psiquismo e a educação sexual entre pais e filhos adolescentes. Revista Brasileira de Sexualidade Humana, 10(2): 237 – 250. São Paulo: SBRASH: Iglu, 1999.

NEDEFF, C. C. Aids, uma concepção 2000. Curitiba: Universidade Tuiuti do Paraná. Monografia do Curso de Especialização em Sexualidade Humana, 2000.

Organização Mundial da Saúde, recursos relacionados à sexualidade (2004). Disponível em http://www.who.int/reproductive-health/gender/sexual_health.html Acesso em 09 ago. 2010.

PARTRIDGE, B. Uma história das Orgias. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2004.

RIBEIRO R. ; ERO, B.; MA, Bettiol H, Silva AAM. Comparação entre duas cortes de mães adolescentes em município do sudeste do Brasil. Rev Saúde Pública. 2000;34(2):136-42.

RICHARDSON, R. J. Pesquisa social: métodos e técnicas. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

RODRIGUES JÚNIOR, O. M. Contribuições da cultura adolescente e da androginia à sexologia. Revista Brasileira de sexualidade Humana, 2(2): 117 – 225. São Paulo: SBRASH: Iglu, 1991.

SAITO, M. I., LEAL, M. M. Educação sexual na escola, Artigos originais artigos especiais, Pediatria: São Paulo, 2000. Disponível em: <http://www.pediatrinsaopaulo.usp.br/upload/pdf/451.pdf> acesso em 10 ago. 2010.

SILVA, S. Educação em saúde: Políticas públicas de saúde e educação como construção social. (2007). 87 p. Dissertação do curso de mestrado em Educação. Universidade Cidade de São Paulo – UNICID, São Paulo, 2007.

SUPLICY, M. Sexo para adolescentes: orientação para educadores. São Paulo: FTD, 2008.

SUPLICY, M.; et al. Sexo se aprende na escola. 4 ed. São Paulo: Olho d'água, 2007.

TIBA, I. Disciplina, limite na medida certa. São Paulo: Gente, 1996.

_____. Puberdade e Adolescência: desenvolvimento biopsicossocial e esquema corporal. 3. ed. São Paulo: Ágora, 1986.

TOMMASI, M.C.F. Desenvolvimento emocional e cognitivo do adolescente, pp. 33-48. In FB Assumpção, Kuczynski (eds.). Adolescência normal e patológica. Lemos Editorial, São Paulo, 1999.

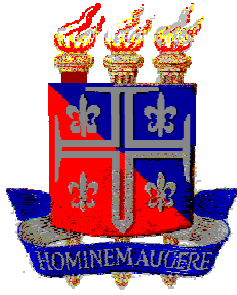
VITIELLO, N.; CONCEIÇÃO, I. S. C. O exercício da sexualidade na adolescência. In: aspectos biopsicossociais. Revista Brasileira de Sexualidade Humana, 1(2): 14 -28. São Paulo: SBRASH: Iglu, 1990.

_____. Manifestações da sexualidade nas diferentes fases da vida. Revista Brasileira de Sexualidade Humana, 4(1); 47 – 60. São Paulo: SBRASH: Iglu, 1993.

WALENDORFF J. K. Educação Sexual – Sexualidade: Antes e depois. Publicação 18 abr. 2007. Disponível em <em <http://www.webartigos.com>.> Acesso: 05 jun. 2010.

APÊNDICES

Apêndice 01
Questionário



FACULDADE DO ESTADO DA BAHIA- UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO
CAMPUS VII – SENHOR DO BONFIM
DISCIPLINA: MONOGRAFIA
DICENTE: HILDER MAGALHÃES
DOSCENTE: JOSENILDE FERREIRA
ORIENTADOR: ADSON BASTOS

QUESTIONÁRIO

RESPONDA AS SEGUINTESS QUESTÕES:

1. Quando falamos de sexualidade, de que falamos? Pode marcar mais de uma alternativa.

- () Respeito as diferenças;
- () Sexo;
- () Comportamento;
- () Afetividade;
- () Limites;
- () Direitos.

2. Você sabe o que é DST's? Cite o nome de três delas:

3. Você já recebeu alguma orientação sobre sexo?

- () sim () não

3.1. Se sim, de quem? Pode marcar mais de uma alternativa.

- () do pai;
- () da mãe;
- () outros familiares;
- () leituras;
- () dos amigos ou amigas;
- () professores;
- () nenhuma.

4. Quando você ou seus irmãos e irmãs perguntam aos seus pais sobre sexo, as perguntas:
- () são respondidas pelo pai;
 - () são respondidas pela mãe;
 - () são respondidas por ambos;
 - () não faz perguntas sobre sexo para os pais;
 - () são censuradas ou não respondidas.
5. Quando você precisa obter alguma orientação sobre sua sexualidade a quem você recorre?
Pode marcar mais de uma alternativa.
- () seus pais;
 - () seus amigos;
 - () seus professores;
 - () livros, revistas, internet, etc...
 - () ninguém.
6. Você já obteve alguma orientação sobre educação sexual com seus professores na escola?
- () sim;
 - () não;
 - () não lembra.
7. Você sabe quais são os métodos anticoncepcionais?
- () sim;
 - () não;
 - () alguns.
8. Você já presenciou alguma cena de sexo?
- () sim;
 - () não.
9. Você se acha capaz de assumir uma gravidez?
- () sim;
 - () não;
 - () talvez.
10. Você sabe dos riscos de uma gravidez na adolescência?
- () sim;
 - () não;
 - () ainda não pensei sobre isso;
 - () não tem, minhas irmãs já tiveram filhos.

Obrigada por sua participação!

Josenilde.

Apêndice 02

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO
CAMPUS VII SENHOR DO BONFIM

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) a participar, como voluntário (a), da pesquisa Nível de conhecimento sobre sexualidade dos alunos do 8º e 9º ano do Ensino Fundamental II da Escola Rural Gilcina Carvalho, tendo como pesquisador responsável professor Adson dos Santos Bastos e como pesquisadora colaboradora a estudante de graduação Josenilde Ferreira de Sousa Silva. O objetivo dessa pesquisa é conhecer e analisar as concepções dos estudantes do ensino fundamental da Escola Rural Gilcina Carvalho sobre sexualidade. Após ser esclarecido das informações a seguir, tiver dezoito anos ou mais e desejar participar, você mesmo pode assinar, caso contrário, será necessário levar este termo para casa e pedir que seu pai, mãe ou outra pessoa responsável assine no final da folha, nas duas cópias. Uma cópia é sua e a outra deverá ser entregue ao responsável pela pesquisa. Se não desejar participar não será prejudicado. Você poderá retirar sua participação em qualquer momento. Qualquer dúvida procure Professor Adson na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Departamento de Educação, Campus VII, Tel. (74) 3541-4013. Os questionários ficarão guardados sob a responsabilidade da pesquisadora responsável e serão destruídos após cinco anos. Sua participação contribuirá bastante, já que nos ajudará a conhecer a maneira de pensar dos estudantes sobre sexualidade. Você será esclarecido(a) sobre a pesquisa no que desejar, em qualquer momento. O seu nome não será mencionado em nenhum momento, (inclusive em nenhuma publicação que possa resultar desse estudo) e também nenhum material que indique sua participação será liberado, sob hipótese alguma, sem a sua permissão. Os resultados da pesquisa serão divulgados na Universidade do Estado da Bahia e posteriormente na sua escola. Sua participação não lhe trará nenhuma despesa. **AGRADECEMOS A SUA COLABORAÇÃO!**

Senhor do Bonfim, _____ de _____ de 2010.

Assinatura do Pesquisador Responsável

Assinatura do pesquisador Orientador

Assinatura do pai/mãe ou responsável